

Depoente: Eduardo Soares Neves Silva

Entrevistador: Janaina Breugelmans, Mariane Cruz

Data: 20 de abril de 2017

INTERLOCUTOR: Bom dia! Hoje dia 20 de abril de 2017, as 08h30min dito da manhã, na universidade Fumec, realizamos depoimento de Eduardo Neves Silva. Filho de Maria Madalena Braga Soares e enteado de José Carlos Novaes da Mata Machado. Estão presentes os bolsistas da Covemg Mariane Cruz e Janaina Breugelmans. Eduardo, pode começar seu relato.

EDUARDO: Acho que eu começo então é... por isso né? Pelo nome, né? Meu nome é Eduardo Soares Neves Silva, mas durante o período... durante a minha vida até aproximadamente uns, tenho que lembrar, deve ter sido até 93, talvez meu nome era Eduardo Soares da Silva. Essa alteração do nome tem a ver, é com a diretamente situação em foco, é... vou começar por isso mesmo. Eu nasci em 06 de julho de 69, numa situação... é bom, critica na... no Brasil, uma... a partir de uma decisão né? Que é uma... era uma decisão é época talvez eles tenha parecido já em uns documentos mais raro, que era decisão de uma militante, né? Ter filho. A Militante em questão a minha mãe, mãe biológica vocês vão, entender isso, mãe biológica Maria Madalena Braga Soares, é, ela resolveu ter filhos né? Ela... na verdade é uma história... antecedendo um pouco antes do meu nascimento né? Ela e meu pai, Everaldo Crispim da Silva, se conheceram na militância né? E se conheceram numa situação entre a... no Brasil é... ainda um pouco pacificado, é, se conheceram na verdade, fora membros de, juventude estudantil católica FEC e JUC né? E depois participaram... isso mais pra frente né? Da ação fundação da AP, e depois no racha da AP), minha mãe ficou na (trecho incompreensível). Eles se conheceram eu acho que eles, tiveram um relacionamento qualquer coisa como próximo de 2 anos, e depois se separaram, e aí um desses encontros né? Eu nasci em 69 então... eu não sei exatamente qual foi mas certamente depois de (trecho incompreensível) 67 então alguma coisa 68 eu não sei exatamente o que, houve encontro em Belo Horizonte a minha mãe não tava... não morava em Belo Horizonte meu pai sim, meu pai era estudante de medicina. Eles se encontraram, é minha mãe foi visita... é uma inconfidência, mas enfim, é foi visitar o meu pai no hospital das clinicas meu pai era residente do hospital das clinica eles

ficaram juntos, eu nasci dessa ocasião, já não estavam mais... já não eram mais um casal, e dessa ocasião, única ocasião, eu nasci e, e a minha mãe posteriormente né? Ela entrou em contato com o meu pai já... não sei quanto tempo depois enfim, meses provavelmente, falou estou grávida, eu vou ter o teu filho, meu pai falou, claro é, nós não tamos juntos mais eu te apoio no que for. A época né? da gravidez a minha mãe... ela que me relata isso né? Uma boa parte dessa... disso que é... ela acha memória, eu comentei isso com (Trecho incompreensível), era uma mistura daquilo que eu me lembro, daquilo que me contaram que eu não sei se eu me lembro ou se me contaram, de coisas que provavelmente são sonhos e eu também não tenho certeza se... em que medida, esses sonhos tem uma base em algo que foi dito que aconteceu então... tem um pouco disso, mas de qualquer forma nesses... até agora tá... é tudo bastante documentado. Mas esse que eu vou dizer agora eu não tenho certeza mas enfim, como é que funciona, como é que funcionou mas é fato que minha mãe, época que estava grávida ela, pensou muitas vezes ela tinha decidido ter o filho porque ela... é o raciocínio que ela, que ela fez, que ela já relatou em alguns, em algumas ocasiões, não só para mim mas em situações públicas também, ela pensou assim, bom se a gente tá tentando, é transformar o mundo e transformar o mundo para os nossos filhos então tem que ter filho, tem que fazer filho, é, então vou ter o filho. E ela, que ela conta que isso na verdade não é que não eram, bem visto na militância mais se sabiam que era uma situação de risco aumentava, aumentava é, digamos assim as chances da... de problemas em função do fato de que uma criança na verdade é o lastro né? Ou uma âncora que então por medida precisa de, de uma, uma situação fixa pelo menos topográfica para a coisa funcionar bem, isso é que é... foi se tornando cada vez mais difícil ao longo do, do processo, fundamentalmente na hora em que, minha mãe era levada a clandestinidade. Então agora voltando pra situação, que onde eu nasço mesmo... nasci em São Paulo, minha mãe morava em São Paulo, é, já algum tempo, numa situação que ainda não era exatamente, formalmente de clandestinidade, né? mais já era uma situação, bastante, é, complicada, é... e nesse período justamente por conta dessa coisa de ter filho era uma situação de clandestinidade, as pessoas que tinham algum contato, e a verdade isso é uma coisa, é, muito importante né? Por eu ter voltado aqui várias vezes né? Os números não são exatamente precisos, mais o Brasil em 85 no fim da... o processo inteiro tinha cento e trinta milhões de pessoas e o que você tem de números né? São vinte cinco mil pessoas investigadas, dez mil presas, dez mil exiladas contando com os familiares trezentos mortos então a proporção, é

uma proporção realmente, é, impressionantemente é desigual digamos assim né? É um conjunto de pessoas, uma atividade, uma vida intensa, politicamente engajados e uma massa gigantesca de gente que ignoraram completamente o processo, então você tem um (trecho incompreensível) né? Um... uma diferença muito grande, naquilo que era um movimento político, é era vivido ou experienciado por uma parte... é substantiva não é pouca gente mais familiares, mas em termos globais né? Brutalmente pequeno, não se caracteriza eu acho que o modo muito diferente (trecho incompreensível) por assim dizer, bom, em relação a outros países, principalmente europeus. Mas de qualquer forma então, porque que eu tô dizendo isso? Porque ele... como é... era uma situação mais... não era uma situação mais comum do mundo nem tanto como tinha tanta gente nem tinha tanta gente tendo filho, minha mãe foi visitada é no, no hospital por um monte de gente, entre e... essas pessoas eu fui visitado pelo, pelo Zé Carlos né? José Carlos Novaes da Mata Machado, que a época se eu não me engano era o dirigente da Une, ainda não era o dirigente da AP, se tornou e que foi tão importante, para o desenrolar dessa história no Brasil. E aí... ali na situação mesmo ele foi visita-la no hospital, na maternidade, eu tive que ficar na maternidade alguns dias não sei 8 dias alguma coisa assim acho que nasci icterícia. É, foi visita-la e ali eles começaram um, um contato e que acabou evoluindo prum namoro, que acabaram ficando juntos até, até o final né, até a morte do Zé Carlos e a prisão da minha mãe, que é onde nós vamos chegar. Então na verdade voltando a questão do nome, efetivamente eu nasci Eduardo Soares da Silva e depois me tornei Eduardo Soares Neves Silva, eu já antecipei um pouco porque que essa... há essa alteração, essa alteração porque em, eu volto isso mais a frente, talvez um ponto chave, em 21 de outubro de 1973, que a gente estava né? Eu e minha mãe, e o Zé Carlos também só que Zé Carlos vindo de outra, outro lugar, daqui a pouco eu conta essa história com detalhes, nós estávamos no sítio aqui perto de Belo Horizonte e fazendo (trecho incompreensível) muitos brasileiros estavam na clandestinidade naquele momento fizeram que era tentar sair de suas cidades principalmente cidades mais pro centro Brasil, seja subindo em poucos casos mas normalmente descendo, é de modo tentar se escapar é, pelo... pela parte baixa da América Latina né? Pela parte, pelo sul da América Latina, a gente estava se encaminhando não sei exatamente qual que era, era destino, isso não era nunca muito claro porque é... como era uma questão de clandestinidade, os aparelhos funcionavam de uma, certa forma um pouco como cédulas, não tinha muito... não podia ter muito controle central porque senão caia todo

mundo, então na verdade se fazia um acordo o cara falava assim, não eu te levo de Belo Horizonte, sai lá de São Paulo para Belo Horizonte. Aí depois se aparecia alguém que era, parente ou que tinha um carro, ou que tinha uma caminhonete pegava emprestada a caminhonete do tio, necessariamente... não necessariamente é do movimento, chagava até outra cidade enfim, não sei exatamente eu acho que ninguém sabe, qual era o percurso exato mas é fato que a gente estava no Sul esperando dois é cunhados do Zé Carlos Novaes Machado que nos levariam até o Sul do Brasil, e nessa situação, enfim uma... como disse, vou chegar a isso, depois eu fui preso né? Nós todos fomos presos evidentemente... e ali é que realmente o processo desenrola, é ali que o Zé Carlos é enviado para o recife, onde sob tortura falece, é ali que minha mãe... é presa e processada em definitivo, e tal, e ali que eu tendo sido preso como criança, era, enfim, ao mínimo de sensatez, no meio da insensatez toda não fiquei preso durante todo tempo que minha mãe ficou presa, eu não sei quantos anos foram 2, mais eu acho direto depois mais 2. Eu fiquei preso alguns dias e nesses dias, é o contato foi feito com o meu pai biológico meu pai né? É, que o Everaldo que, é, veio me buscar, na prisão, e nesse momento o Everaldo já estava casado com a minha mãe minha outra mãe né? Então em geral eu me refiro assim ao meu pai, o Zé Carlos foi meu o pai em alguma medida né? Mas na verdade, foi meu padrasto até os 4 anos, e eu sempre me referi, né? Que eu tenho dois nomes né? Ou talvez tenha dito né? Eu posso dizer que eu tive em um momento qualquer dois pais, mas hoje eu tenho um pai e eu tenho ainda duas mães. Essa segunda pessoa né? No qual meu pai estava casado, e que no momento em que ele me resgatou da prisão, é chama Magda Maria Bello de Almeida Neves, já foi depoente aqui também, alias minha mãe também, a outra. É e em função disso em função desse momento isso é na verdade um divisor de águas na vida embora eu não tenha tido clareza naquele momento eu tinha 4 anos e pouco né, 4 anos e 4 meses, é não tinha dito clareza foi um divisor de águas que transforma completamente minha relação inteira comigo mesmo, em função disso, de um longo processo que foi se desenvolvendo... tinha amadurecido essas feições, em um certo apaziguamento em relação a minha própria história, e provavelmente isso já é uma dada eu talvez pudesse ter olhado, eu não me lembro mais eu... acho que foi em 93, uma coisa do gênero, 93 provavelmente um pouco depois eu troquei meu nome eu incluí, o sobrenome da minha mãe, da minha segunda mãe que é a Magda, Magda Maria Bello de Almeida Neves, e esse Neves é o Neves mesmo, fazer tornar a situação, mais complicada ainda por que no final das contas em algum momento no

Brasil, todos os opostos estavam no mesmo lugar a gente sabe disso. Mas enfim, então agora continuando no... é indo pro momento do nascimento, então aí eu, é eu, passei a viver depois de um tempo quando, a minha mãe, e o Zé Carlos se estabeleceram uma relação mesmo, passei a viver com ambos, só que a situação rapidamente escalou né? Eu nasci em 69, e aí nesses, é, nesse primeiros anos né? Nós temos o efeito mais é brutal, é... na verdade logo no ano né? Porque, em função da promulgação do ano anterior nós temos efeitos mais brutais dos atos institucionais e aí rapidamente as pessoas quando se começam a... bom direitos né? Não, vou entrar em, em detalhes técnicos de direito... enfim, de direitos, é e aí efetivamente os meus pais, entram em clandestinidade, e aí é um longo processo né? Essa é talvez a situação com exceção dessas coisas que são arranjos entre, entre os grupos né? Nessa situação de clandestinidade, que realmente é muito obscuro porque tinha que ser obscuro, todo mundo usava codinome, as referências... as pessoas muitas vezes não se conheciam então a referência era roupa, as pessoas trocavam de casaco e já alterava, vocês vão ver que isso era um caso importante trocar de casaco, já altera o processo inteiro. Então com exceção disso né? Digamos assim, o movimento, de... das pessoas, dos corpos na situação de, de clandestinidade né? Na verdade se trata disso né? Uma lenta de lição (trecho incompreensível) pessoa tem que trocar de nome o tempo todo, codinome então na verdade são... é um meio caminho da coisa. Mas com exceção disso eu acho que o mais difícil de pesquisar é exatamente o percurso dos... das pessoas em clandestinidade não to falando só numa situação, de quando elas tem que sair e fugir etc, Mas o que que elas fizeram, como é que era o dia a dia né? Isso eu dependo de relatos né? Eu era uma... bebê depois uma criança, eu dependo muito de relatos mas aparentemente o que se fez durante esses 4 anos, até o meu nascimento... desde o meu nascimento até o momento em que eu... em que eu mudo de vida digamos assim né? É, as pessoas usa, essa expressão mudo de vida em outro sentido né? Ah! Mudei de vida ganhei na mega sena, mas enfim exatamente isso mais tudo bem! Criar mudança de vida, é não sei exatamente mas aparen...

EDUARDO: Evidentemente que se fazia, quando eu converso com gente não tem nenhuma ideia do que aconteceu é, é um pouco o que as ONG's vieram a fazer, né? As ONGs e os sindicatos, né? Se trata de formação política, organização de, é de trabalhadores e em alguma medida assistência, é uma assistência jurídica, social etc dá uma série de comunidades e grupos... subtendidos na melhor das hipóteses. Então é... nesse período eu sei que nós vivemos em muitos Estados do Brasil, por tanto de

70 né? 69 eu nasci em 69 lá para 70 começa eu acho o PL por mais intenso até 73, a gente viveu em muitos lugares do Brasil alguns deles são fixados a gente sabe aí que, com tempo lá muitas pessoas que nos acolheram não estavam na militância, não tiveram nenhum... não tiveram que lidar com grande problema da memória que é, em que medida eu mantenho a memória, em que medida eu a refaço, em que medida eu a esqueço, né? Que é algo... certamente a gente tá conversando antes, aparece nos depoimentos. É então essas pessoas tem exatamente fixada falou assim oh fulano chegou no dia tal, foi embora no dia tal, fulano e cicrano o nome dele era esse bla bla bla. Então a gente sabe, eu sei por exemplo que nós ficamos um bom tempo em São Paulo, que é onde eu nasci nós ficamos bem... bom tempo em São Paulo nós, tivemos tempo em... só para dar um... uma outra indicação importante temos históricos, em 72 já não estávamos em São Paulo certamente porque em 72, o meu irmão, é filho do Zé Carlos e da Madalena e o meu irmão portanto, sou uma pessoa que tenho quatro meios irmãos todos meus irmãos... tem dois irmãos plenos, e eu tenho quatro meio irmãos, em função dessa, é confusão aí. Mas enfim, é o que é o, o Dori né? O Dorival Soares da Mata Machado nasce em Goiânia, então nesse período eu sei que a gente estava numa cidade satélite, uma cidade satélite de Brasília. E em todas essas situações é no geral o, o Zé Carlos e a Madalena estavam, envolvidos, estavam envolvidos em algum processo, muito próximo a esse que eu disse né? De um atendimento político, jurídico, social, comunidades ou, pessoas em dificuldades e tal, em a ver um pouco claro né? Com a militância em *stricto sensu*, tem a ver com, com isso que era um certo espírito e um proposito de tempo transformador, e certamente tem, tem lastro a... tem lastro teórico né? Tem, tem uma lá... uma... um foco numa transformação radical do mundo, via revolução ou reforma os debates todos da época mas isso é sempre menos notável isso sempre... é como eu no final das contas, longa trajetória vinha me especializar em filosofia contemporânea, e esses autores todos que estão na filosofia contemporânea eu sei né? É por contraste, eu estou lidando a 30 anos né? Eu sei por contraste que, o papel da... dessa formativo né? De estudos sistemáticos, dos autores, é da esquerda era menos importante do que esse papel que era mais uma transformação, se fosse transformação imediata, local, localizada, não é o fato, né? De que o Zé Carlos, Madalena e esse povo todo ficasse o dia inteiro sentado lendo, o Marx e sei lá história e consciência de classe. Não era isso então que as disputas efetivas, teóricas que existiam né? Entre trotskismo, segundo internacional, etc né? Que mobilizava uma parte da discussão, maoísmo que elas

fossem efetivamente o dia a dia dos indivíduos, aquilo em certo sentido funcionado como, como um mote, como um motivo e nesse sentido funciona também como um objetivo a teoria funcionava um pouco como orientação, é da pratica nesse sentido mas não era isso o dia a dia das pessoas, as pessoas as pessoas trabalhavam, e ai é isso a Madalena e o, o Zé Carlos em geral estavam inscritos em empresas como operários, é operário de construção têxtil, operário construção eu sei que tem construção têxtil que teve, cerâmica, teve metalurgia, é o que mais que trabalhavam? É em coisas mais próximas de assistência social mesmo então... as pessoas estavam inscritas com o codinomes, é o Zé Carlos... em geral mantinha-se o Zé e a, a minha mãe pelo que eu sei, houve Maria Auxiliadora que coincidentemente enfim, é isso é tá no nome dela, pessoa com que eu vivo a minha esposa, é Dora, Joana foi muito importante ela foi Joana durante muitos anos e eu era Eduardo sempre Eduardo, ou Dudu, como geral, tinha muito Dudu. Bom! Enfim então estamos aí em 72, é o nascimento do Dori Goiânia a gente morando perto de Brasília, certamente moramos em São Paulo só não moramos em Brasília. No início moramos em Recife também, passamos um tempo num negócio chamado comunidade da ilha do leite, era um conjunto de republicas, é de estudantes, da Universidade de Pernambuco, provavelmente já Federal a época, não sei, esse detalhamento se já era Federal, mas enfim, Universidade de Pernambuco, estudantes de medicina, eles chamavam comunidade livre da Ilha do leite, Ilha do Leite uma região, um bairro e era uma república, no fundo, isso que se chama hoje de república. Nós moramos lá um tempo eu fiquei lá um tempo, além disso eu sei que fiquei também, antes do nascimento de Dori, a gente morava em Fortaleza, essa é uma passagem longa também eu acho que eu cheguei a morar 1 ano numa favela em Fortaleza, na época em que o Zé Carlos esteve mais envolvido, nesse processo de construção de um... via, dentro da clandestinidade, através do processo dentro do processo inteiro, é, que a militância visava ele esteve muito envolvido com processo, de construção de um digamos, de um grupo sindical, Fortaleza foi o que teve mais longo eu acho mesmo lugar porque nós moramos lá durante 1 ano, aproximadamente 1 ano. É, e nesse momento, é, eu tinha... a situação era muito precário, então eu tive uma série de complicações de saúde, eu era pequeno deixa ver, pelas fotos eu acho que eu fiquei duas vezes pelas fotos, tem quatro fotos, disso né? Desse momento, eu acho que eu fiquei duas vezes, uma delas eu estou aprendendo a andar então deve ter sido em 70, e a outra delas eu já sou um pouco maior deve ter sido em 71 pra 72 eu fiquei em Juiz de Fora, de onde

eram... os meus pais paternos os dois hoje já falecidos, Geraldo e a Janete, é os meus... era os meus avós paternos é, é na verdade os do Everaldo né? Eu fiquei em Juiz de Fora durante um tempo justamente porque minha avó cuidou parece que eu tinha muito berne, né? Que eu tinha... sei lá um monte de complicação eu tava muito magro, eu fiquei nesse período é, lá. E nesse momento, por isso que eu cheguei nisso, a gente morava em Fortaleza, né? Eu acho que é um pouco da experiência, tipo experiência que ela é mais minha do que... do relato né? Não diria que é talvez a minha primeira lembrança não deve ser minha primeira lembrança mais certamente essa compõe, uma lembrança nesse período de Fortaleza, é foi um momento... porque o quê que acontece, se tem uma atividade militante além disso eu tô dizendo que é o grosso era o grosso do dia a dia e todo mundo vai dizer isso para vocês, que tem a ver com arregimentamento, arregimentação política e de movimento político mais não é exatamente já focada assim, ah então a revolução já é amanhã, nós temos que discutir isso, nós vamos fazer via partido, nós vamos fazer maoisticamente sei lá o que, né? Isso ocupa uma, parte da discussão, mas na verdade se trata de mobilização, mobilização de monte de gente, imobilizada, ou imóvel né? Cê faz um contrato R\$136.000.000,00 recua né? R\$ 119.000.000,00 em, em 72, é ele aí talvez seis mil pessoas no Brasil a proporção é absurda. Então na verdade um monte de gente imóvel e essas pessoas tentando fazer com que, o resto do mundo que se mova, é num... particularmente ou digamos assim primordialmente numa resistência a ditadura. Então esse movimento de resistência a ditadura, que, que dá o tom ao argumento que eu estou apresentando, que dá o tom das experiências mais cotidianas, é dos militantes né? Que envolve várias coisas, além disso eventualmente de tempo em tempo, é uma discussão, é mais, é... digamos assim, focada quase em teoria, o resto é mobilização né? É, é... isso significa o que? Qual é... por que eu estou chamando atenção para isso, porque essa mobilização, pipocava no cargo Brasil inteiro, como era pouca gente em geral os, os militantes particularmente que tinham mais, mais influência conseguiam, comunicar com a gente que era mais conhecidos, o Zé Carlos certamente era um dos sei lá, cinco ou dez mais conhecidos no Brasil, naquele momento, porque eles viajavam muito. E então o que acontece é que a pe... é fora esses momentos específicos né? Em Brasília, é em Belo Horizonte eu, eu arrumei... algum momento eu também fiquei na casa...é tem dois momentos pelo menos um mais no pro final e um no início, que eu fiquei na casa do, professor Edgar e da, da Dona Ieda, né? Que são os pais do Dori... os avós do Dori, os pais do Zé

Carlos, Edgar da Mata Machado e Ieda Godoy da Mata Machado, é, então é... esse momento né? Esse momento em que eu... tirando esses momentos em que eu fiquei, mais num lugar só, era muito comum que, a gente ficasse que as crianças ficassem com vizinhos, com quem tava perto ou as vezes ficava, do jeito que era aí e essa experiência que é aonde que eu quero chegar houve uma experiência, é formadora né? No sentido de que eu penso nisso mais eu sei que é um pouco a cara do que, que acontece (trecho incompreensível) Fortaleza fiquei mais de um... fiquei um bom tempo, é sozinho né? Não sei quanto tempo, não faço ideia eu acho que é uma, uma situação que até complicado doída, nunca conversei isso com minha mãe nesses termos, quanto tempo você deixou lá? Normalmente alguns dias, não sei exatamente eu tinha 3 anos. Então que ela, veio fazer alguma coisa provavelmente não pode voltar, né? Porque tá sendo... alguém tá... dá uma impressão que estava sendo vigiado então você faz um desvio, desvio não é desvio de ônibus né? Desvio sei lá porque ao invés de ir de Goiânia para São Paulo você vai de Goiânia pra, pra sei lá pro Rio de Janeiro, pra voltar pra São Paulo né? Desvios grandes. A minha mãe tinha dito pra uma vizinha ela dá um... olhar, por mim né? É, e aí é isso eu fiquei um longo tempo em casa, por que que eu tô contando isso porque eu sei que, lá pelas tantas e aí isso casa com a minha impressão de que eu tava sozinho em casa um bom tempo né? Uma impressão minha, estava em casa um bom tempo, caso de um relato que minha mãe já sucessivas vezes fez, acho que tá até no livro lá do (trecho incompreensível), é de que ela retorna e eu tinha ganho da vizinha depois que a comida acabou sei lá o que, uma lata de goiabada vizinha me deu uma lata de goiabada e eu fiquei com a lata de goiabada esperando pra comer com a minha mãe, aí quando ela chega eu mostro ela olha que coisa mais linda a lata de goiabada aberta assim. Então, eu não lembro dessa segunda parte mas a minha mãe fala mais eu lembro exatamente da situação de tá sozinho, né? Eu... pelo menos essa vez eu lembro perfeitamente dessa situação de tá sozinho bom, como a criança não tá sozinho, era difícil né? Passei 5 minutos pode ser dias, mas eu sei que não foram 5 minutos ela mesma já disse que não foi, foi mais tempo. Então o quê que acontece? Né? Esse é um período, longo em que, as vezes eu tava com a minha mãe, as vezes eu tava com uma tia, eu acho que eu fiquei algum tempo com a Martinha, com a Marta irmã da minha mãe que é mais nova que a minha mãe, eu fiquei com meus avós paternos, é o Geraldo e a Janete, eu fiquei em algum momento aqui também na casa do, do Edgar na casa dos Mata Machado, fiquei nessa... Ilha do Leite então isso foi, meio pingado né? E essa, essa coisa né? De não

ter, de ter pai e mãe né? E ali naquele momento evidentemente eu não... eu identificava minha mãe como minha mãe e o Zé Carlos como meu pai né? Eu sabia que eu tinha um outro pai, tem uma série de relatos desse, desse genero né? Acho que foram acumulando, ao longo desses anos de revisitar minimamente essa história e eu mesmo sei disso né? Eu sempre soube que eu tinha dois pais eu supunha que um pai era motorista de caminhão, porque uma vez o Zé Carlos chegou de caminhão, ou chegava de caminhão as vezes as vezes de carona aí supôs que ele era, motorista de caminhão, era porque eu tinha um outro pai que morava em outro lugar, que eu sabia vagamente que era médico que era O Everaldo. E essa, essa situação eu acho que ela caracteriza, é... ela, ela caracteriza a mim né? Não saberia dizer, não conversei tantas vezes com gente que passou por isso embora eu conheço vários, conheço vários né? Pelo menos umas, uns 20 filhos de militantes mas eu acho que eu comecei isso, muito fiz a minha construção da coisa, isso nunca foi pro debate não. Eu tive a impressão que isso caracteriza a gente como um certo... um certo, desprendimento. É, uma melancolia talvez, um desprendimento, uma melancolia, uma... é, eu tô chamando de desprendimento e melancolia um pouco isso, é assim mesmo o mundo é esse e uma hora a gente ta ai e outra hora a gente morre, enquanto isso...

EDUARDO: Um monte de coisa, né? Eu acho que é essa um pouco... eu sempre vivi um pouco dentro desse, desse signo assim né? Que você tem que fazer as coisas e, e que no fundo tem um... as coisas elas mesmas as atividades são importantes, né? Elas são importantes mais o... talvez, é, é difícil caracterizar né? Mais eu acho que talvez o todo da vida seja importante né? Mas as... o modo, as partes, os pedaços da vida eles são, meio, arbitrários, desconectados eu acho que isso é um pouco a minha experiência dessa, dessa coisa toda em alguma medida eu carrego isso comigo, há um esforço continuo ao longo da minha vida inteira, uma hora eu (trecho incompreensível) disso também né? (Trecho incompreensível) informa isso né? A minha... o que eu sou no fundo é a ... é isso é a soma... é (trecho incompreensível) da forma esses, esses fragmentos. Mas eu acho que essa experiência fragmentária, ou fragmentada da, da existência ela caracteriza muito, o modo como eu vejo o mundo, como eu me coloco, né? Evidente, não... eu não tô dizendo que eu sou... eu sou até bastante coeso, é quase contrário é quase... eu tenho um esforço... eu chego a isso também, é um esforço de coesão, de concentração e de trabalho brutal mas é porque no fundo eu sinto que, que se eu não fizer isso desmonta tudo, né? E talvez eu acho

que tem né? Tem uma relação com esse trem de, de uma vida pingada né? De uma vida aqui e lá, não uma vida, assim que se tem pais, mães, um pai some e, a mãe desaparece você fica lá no CV, aí tem uma outra mãe, um outro pai, e depois a mãe anterior volta, enfim. É, então continuando, e já me aproximando aí de uma situação dessa situação chave né? Então esse... o que eu falei até agora um pouco né? Com exceção de uns momentos em que eu fui pra frente ou, até retornei pra antes do meu nascimento, eu contei algo que deve ter ido de 69 né? Julho de 69 quando eu nasci, até pro... próximo de 72 final de 72 o Dori nasce, em fevereiro de 72, em fevereiro de 72 o nascimento do Dori marca um pouco uma diferença porque quando o Dori nasce... é filho do Zé Carlos e da Madalena, aquele... aquela situação nascimento de uma no... outra criança pequenininha, é... tornou mais... e a, e a situação já era, já era... 72 diferença 69 né? 72, tá tudo caindo muito rapidamente né? É, então já... a situação já era mais, sei lá, periclitante, já era mais, é crítica, drástica e a ... houve então uma, uma... passo mais decisivo não, não dá para continuar aqui, é, é onde que nós w, é, é onde... é o país que queremos transformar mais não dá mais para continuar aqui então começa já em 72 uma articulação, grande, é de forma tentar tirar a família inteira dele inclusive já, tinha acabado de nascer, é do país o Dori nasce, é nisso, 19 de fevereiro de 72, e não saberia dizer mais talvez 20 dias depois, 2 meses depois no Max... na melhor das hipóteses ele já estava na casa, é já esteve ou já ficou um tempo na casa do Edgar e da Daniele aqui em Belo Horizonte né? Ali na rua Alagoas, onde moravam a casa tá lá ainda. É, então... ele já tava aqui né? A Madalena e o Zé Carlos, sempre na clandestinidade ele... na clandestinidade realmente, brutal né? De que se realmente não tem nem tempo direito de ficar no mesmo lugar né? Os aparelhos caem todos muito rapidamente, e começa a se articular esse... essa saída né? O que é o que tinha começado dizer lá no início. Então o que acontece no final das contas é que o, João Paulo e o Adalberto são dois cunhados do Zé Carlos né? Ainda eram vivos o João Paulo, é o Adalberto casado com Maria do Carmo e João Paulo com a Monica, Maria do Carmo e Mônica São irmãs do Zé Carlos. Eles é articulam junto com um outro sujeito que era o dono do sitio que é o, Thomas, Thomas da Mata Machado, que era o dono do sitio que aparentemente perto de Betim, mas isso não se sabe, não tem como saber, quer dizer, eu não tenho como saber (Ininteligível) tá escrito isso, não faço a menor ideia até por que Belo Horizonte, 72 provavelmente era a Contorno, Né? Então... sei lá, alguém disse que é Betim (trecho incompreensível) achando que é Betim. A gente tava nesse sitio esperando, é o

Adalberto e o João Paulo chegarem com o Zé, que estava nesse momento em s... é em São Paulo, saíram de Belo Horizonte, foram pra, pra buscar o Zé Carlos e... em São Paulo, enquanto isso eu e minha mãe estava nesse sitio que isso sim eu sei que é do Thomas, um dia eu encontrei esse Thomas, é primo né? Final das contas. Ele falou ah! Eu sou dono do sitio o sitio é do meu pai, se lá. Nós ficamos lá é esperando, e aí o quê que acontece é que no meio do caminho, no meio da estrada eles são interceptados, e são presos. O Zé Carlos é preso, imediatamente é separado o João Paulo do Adalberto, João Paulo e Adalberto são levados para Belo Horizonte, e o Zé Carlos é levado... é, e aí essa coisa volta a ser muito complicada porque aí são os porões mesmo né? Os porões são, são porões né? São, são escondidos, secretos é sangrentos. É, aparentemente o Zé Carlos vai para São Paulo e depois para Recife, então esse é um, trajeto é mesmo trajeto que eu fixei da coisa. E aí tem toda história do Zé Carlos que é bem documentado né? Ele, mostra tortura, é reconhecido só quando tá no Recife, ficaram famosos né? Meu nome é Zé Carlos da Mata Machado, dirigente da AP, digo ao povo que eu não abri, acho que é isso. Ao o companheirismo né?

INTERLOCUTOR: Aos companheiros, diga aos meus companheiros.

EDUARDO: É, diga aos meus companheiros que eu não abri. Então pronto, tem essa frase que com a frase foi registrada por cinta a, é de uma, de uma advogada Fernanda né? Se não me engano, que tava cuidando de uma coisa qualquer lá, na penitenciária na delegacia naquele momento, pegou isso. Fixou e depois quando o Samaroni, foi fazer um documento isso, tornou-se mais público mais de qualquer forma isso já tava no documentos né? Eu tenho... mas não tá comigo tá na minha, pasta mais eu tenho os documentos todos, eu sei todos os números de todas as... os processos por que eu li isso tudo, muito tempo depois, vou chegar nesse momento também. Mas enfim, a índice... então em 72 nesse... nessa data aí, aí já em 73 a gente tava nesse sitio esperando, ele... o carro é interceptado, e aí logo depois chega a policia do sitio e nos levam, nos traz até Belo Horizonte, pra ali na Afonso Pena, hoje é o que aquilo sei lá que...

INTERLOCUTOR: É o Dops.

EDUARDO: É o Dops? É.

INTERLOCUTOR: Polícia civil hoje.

EDUARDO: É, então é isso, exato. Nos leva ali para aquele prédio que tá ali na praça descendo um pouco a cima da praça do ABC, a praça Tiradentes na verdade a

gente praça do ABCe praça Tiradentes, que é muito próximo ali da Alagoas com, Fernandes Tourinho onde moravam... Claudio Manoel, Alagoas com Cláudio Manoel onde moravam professor Edgar e a Dona Ieda e eu fiquei alguns... algum tempo lá, na prisão com minha mãe. Esse tempo é um tempo bem disputado, eu não faço menor ideia, tinha 4 anos né? A minha mãe, fala... acho que ela fala, é 2 dias, a minha tia que acompanhou esse processo inteiro né? A minha tia chama... bom é conhecida né? Eleonora Menicucci é diz que foi, que foi um pouco mais, e é o, os Mata Machado também acham que foi um pouco mais, mas enfim eu vou ficar com dois, né? Mais de qualquer forma é isso eu fiquei alguns dias lá até o momento em que, é... a minha mãe consegue entrar em contato, com... acho que imediatamente ela entra em contato que eles avisam que ela tá lá como chama isso? Sogra sua... sei lá, nora, sua nora tá presa com, com o filho dela e avisam ao professor Edgar e a Dona Ieda e aí começam uma articulação louca lá, e eles conseguem entrar em contato com o meu pai, que salvo engano não sei exatamente o que ele tava fazendo mais eu tenho impressão que ele tava em São Paulo né? Acho que isso eu, não tenho certeza mais tenho impressão que ele tava em São Paulo fazendo alguma coisa residência talvez sei lá. E aí ele volta pra é... não pode ser residência porque residência já tinha acontecido, mas enfim tava, provavelmente em São Paulo ele vem, e me tira da, da cadeia e aí começa uma nova vida porque o meu pai, embora ele não estivesse tão ativo na militância, né? É, ele a longo de 70, 71 ele vai se afastando, né? Ele ainda era, e a minha mãe também ele ainda era um estudante subversivo né? Não era um clandestino mais era um estudante subversivo no ponto de vista da... no enquadramento jurídico né? Então o meu pai tava ariscado de perder a matrícula na faculdade de medicina num momento específico ele perdeu, a minha mãe foi uma das quatro pessoas cassadas na UFMG por um número qual, você sabe qual que é uma lei que impediu os subversivos?

INTERLOCUTOR: 407.

EDUARDO: 407, então minha mãe a Magda Neves, é uma das pessoas que caiu no 407, então ela não tinha o que fazer também, é não pode mais ser aluna. É, o meu pai tava a ... sobre risco disso então embora não tivesse na militância ainda era um subversivo, ainda tava envolvido muito com essas coisas né? Sempre teve envolvido com política até muito recentemente muito envolvido com política, então, não tanto mais nessa... digamos assim na, é, nos... no movimento é, que caracteriza o... a maior parte das pessoas que ficaram clandestinas mas enfim ainda tava nisso, e ali eles

tinha decidido, que iam tentar sair do Brasil e o meu pai consegue em função duma... acho que no contato do Cid... do Cid Veloso que ele tinha sido, professor dentro da medicina, depois veio a ser reitor faleceu recentemente ele consegue contato na, na França então o que acontece é que eu saio da, da prisão, provavelmente no dia 25, vamos fazer um médio aí é o dia 21 de é, a gente é pego, 22, minha mãe acha então que eu sai lá pro o dia 23 e o resto acha 25 então tá bom! Vamos dizer que no dia 24, eu tô em 73, é eu vou morar com, com... eu passo a morar com meu pai, é, e com a Magda minha mãe, e aí, logo depois disso, isso é outubro, se eu não me engano em fevereiro de 74 eu já morava na França, ou janeiro de 74 então, uns 3 meses depois tenho um corte bruto na minha vida, né? Eu tenho novo pai nova mãe e moro em outro país falando outra língua. Então isso é realmente um, uma... é uma chave de compreensão do processo posterior, né? Eu vou guardar isso por agora porque tem uma questão chave nesse processo anterior que tem que ser explicitado eu acho que é um dever cívico, né? Que é o seguinte né? É, o quê que é... o que foi essa, essa queda né? Isso em outubro de 73 um pouco antes na verdade em agosto já começa, os dirigentes da AP dezesseis, dezessete sei lá um número x mais de quinze menos de vinte dirigentes da AP entre eles o Zé Carlos, o Anestino um monte de gente, cai, eram mortos dois três quatro por semana, né? Poucos... pouco tempo, caem todos né? Todos os aparelhos importantes da AP Brasil, os mais importantes é aparelhos, os mais importantes, é personagens em alguma medida dessa história são presos, mortos, torturados, desaparecidos né? E muito, muito mais muito posteriormente nós ficamos sabendo em 80 né? Eu acho que a coisa pública em 80 em 1980 nós ficamos sabendo que o, é o delator pinguim disso tudo é o... foi o meu tio né? Irmão da, da Madalena. Durante o período grande a minha mãe já falou isso comigo, já conversou isso comigo eu já ouvi de outras pessoas o outro lado da história, então é fato isso. Durante um tempo grande, até por conta dessa frase, essa sentença que va... que rodou o mundo digo, pelos meus companheiros etc a impressão de muita gente é que quem tinha sido a, a delatora que a partir daí é uma, uma realmente um dominó um jogo de dominó, tinha sido minha mãe e ela foi muito ostracizada né? Por isso né? Principalmente em São Paulo no Estado de São Paulo, cidade de São Paulo, houve uma... em algum momento uma certa, uma certa compreensão generalizada naquilo que posteriormente veio a ser uma parte do PT, que torna uma situação toda mais complicada ainda, a parte universitária do PT digamos assim né? Parte não não lula do PT, é, é de que o delator chave dessa história toda tinha sido a minha mãe, bom! A

minha mãe sabe, muito antes disso né? Muito antes dessa história dela ser, considerada traidora da pátria, da pátria que não era, que não foi, que não seria e não teria sido se tivesse dado certo, eu acho que a ideia de pátria não era exatamente o que eles estavam querendo construir e se quisessem tavam errados, tem que dizer do ponto de vista do presente alguém que só estuda isso...

EDUARDO: É mais enfim, então, é, minha mãe passou muito tempo com esse negócio né? A história da minha mãe rapidamente né? Ela ficou, ficou presa um tempo no... primeiro no Dops depois encaminhado para penitenciária não sei, 1 ano e 8 meses 2 anos, e aí depois ela vai, é, é pro nordeste do Brasil, aí tem um período no Rio, aí depois tem um longo período em Cuba ela fica, acho que 7 anos em Cuba, em Cuba ela se reconstrói, faz uma nova vida, casa, teve mais um filho Lucas, casa com Manoel Caldas recentemente falecido um cineasta, tem um, um filho com ele Lucas, volta pro Brasil, se estabelece no Rio de Janeiro, e aí, eu retomo um pouco o contato com ela. Durante esse período todo daí... nós temos cartas muitas cartas nós mandamos carta da França e depois a gente volta para o Brasil em 74, 75 já tô no Brasil, eu estou aqui em Belo Horizonte mas ela não tá em Belo Horizonte a gente continuou trocando cartas etc. E esse período todo de troca de cartas é um período em que eu... é na verdade eu tive pouquíssimo contato... é pessoal né? Com, minha mãe, é e tinha... eu na verdade tava completamente inserido no seio dessa outra família no outro pai e outra mãe, e ela aos poucos esse período todo né? Um período longo de 5 até os 13 provavelmente porque 13 anos? Porque 13 anos nós... eu e o Dori viajamos para ficar um tempo com ela em João Pessoa, nós ficamos em João Pessoa um bom tempo com ela acho que 40 dias, aí logo depois, um pouco depois, é nós ficamos um tempo com ela também em Florianópolis, aí depois ela mudou pra, pra Uberaba, aí eu, encontrei com ela. Teve um período longo no Rio de Janeiro também ficamos uns 40 dias no Rio de Janeiro, ou seja, ali começa a estabelecer uma certa relação de que tempo em tempo eu e Dori, ou então só eu ia pra casa dela e ficava lá 1 mês né? Então começa a restabelecer uma relação mais tem um período longo aí de 4 aos 11, de 4 aos 13, que nossa, é relação era, por cartas né? Eventualmente fita ela mandava umas fitas também pediu pra mandar alguns desenhos fitas, e aí aos poucos esse momen... essa coisa toda desconstrói né? É, sistemicamente né? A imagem dessa minha mãe na minha cabeça, mas isso eu chego daqui a pouco. Por que que eu estou nisso, por conta do, do irmão da minha mãe né? Que é o Gilberto. A minha mãe nesse período todo, dessas cartas todas ela, ela já sabia né? Não sei exatamente

quando mas um dia, depois disso tudo, Isso tem anotado, em algum lugar mesmo negócio... nas coisas... 76, ou seja 4 anos antes, dessa capa da Veja de 80 no que... que tem o Gil, é falando o que, o que fez, a minha mãe já sabia e... da história toda então estou dizendo isso para entender né? Como não, é tão simples, entender as, delegações de responsabilidade, essa história então, oculta o Brasil né? Se passar anos e todo mundo achava que ocê é pilantra sendo todo mundo de esquerda, é feio! Mas enfim, bem esquerda ta cheia de coisa feia também. É, mais aí é isso, a ... o que aconteceu foi, foi... anteriormente foi isso, mas ou menos em 72, ou seja, a gente é preso em 73 então 1 ano antes. A Martinha a Marta, irmã da minha mãe irmã mais nova da minha mãe muito querida, xodó da família começa mexer com movimento secundarista, ela começa a engajar-se politicamente dentro do movimento secundarista ainda muito nova, e aí o Gil, é contactado pela, pela polícia, e, eles, eles falam pro Gilberto assim olha, se ocê não quer que sua irmã mais nova dance, você dá um jeito de seguir a sua irmã mais velha, a gente não quer nada com, com a sua irmã mais velha a gente quer com o marido dela o Zé Carlos. E aí o Gil aceita né? E aí ele se torna né? Delator pinguim começa acompanhar esse processo inteiro. O Gil na verdade foi quem levou minha mãe primeiramente na militância lá antes de eu nascer em 67 né? O Gil era militante e depois desencantou completamente né? Essa coisa que é tão comum né? E que é o, né se eu for dar salto no presente é o que breve acontecerá né? No, no Brasil que é o fato do desencanto levar o ressentimento, o ressentimento levar ao contrario né? Ao contrário da sua posição anterior. E aí exatamente aconteceu com o Gil, e que acontece o tempo todo né? Recentemente a gente... viu isso na política nacional e vai acontecer várias vezes, ainda, eu espero que não com toda geração, de 2013, mais a minha expectativa é que metade da geração de 2013 não vai acontecer exatamente isso porque historicamente aconteceu várias vezes, bem típico, uma ação política brasileira em geral né? Mas enfim, então o Gil ele esteve muito envolvido nos tempos de 66, 67 aí depois desencanta começa a achar que aqueles caras são uns idiotas e, vira a casaca completamente né para usar uma expressão, é vulgar mas... claro, é vira casaca completamente quando já era, já era, já era contrário com a, é há um movimento digamos assim quando ele é, ele é procurado pela polícia e no início casa bem com digamos assim com essa nova, adesão externa também superficial, uma nova ideologia uma ideologia, é diferenciada da anterior, e ele começa a tentar reatar contato com a Madalena, primeira vez que ele a procura se eu não me engano a Madalena tá em, em Goiânia até pelo tempo daria

certo 72 quando ele tá nascendo. Ele procura ela acha estranho, ela fala... ela... o relato dela pra mim eu acho que público também um documento qualquer que eu li, já li isso tudo trezentas vezes eu... ou pelo menos uma vez só mais muito tempo atrás. É, que ela acha estranho inicialmente mais, tudo bem! Ela não fala nada, ela não deixa acontecer nada mas, é o Zé Carlos lá pelas tantas, na conversa entre eles né? A minha mãe expõe isso pro Zé Carlos, Zé Carlos fala não nós estamos precisando de gente é seu irmão, vamos sim, vamos aos poucos reintroduzi-lo e etc, e aí ele consegue começar a ter algum contato com eles. E aí num momento específico, é o Zé Carlos e minha mãe já estão preparando né? Isso aí já na virada de 71 pra 72, já estão preparando a ... essa (trecho incompreensível) pro... pra tentar sair do Brasil, e o, o Gil tá lá o tempo todo muito, muito próximo, é tentando ficar muito próximo, a minha mãe tá num lugar comigo, o Zé Carlos tá em outro, esse Dori provavelmente já nascido devia tá aqui em Belo Horizonte sei lá, e aí essa há uma combinação deles, dele tentarem se encontrar num... é em São Paulo, e pra tentar ir todo mundo junto nessa situação aí que tem o João Paulo e o Adalberto que levantou pro sitio, ou seja, antes disso né? É alguns dias antes, é... e o Gil é a única vez encontra uma vez com o Zé Carlos, encontra uma vez com o Zé Carlos, rapidamente o Zé Carlos é super é... tem muitas pessoas testemunha de muitas pessoas, super afetivo, super virtuoso fala assim ô Gil que bom que cê tá, querendo voltar vamos ver como é que a gente faz você conversar isso com calma etc... e, aí o Gil vira pra ele e fala assim, é, vamos trocar de casaco, o que ei tinha dito lá no inicio, vamos trocar de casaco, porque vê tá com esse casaco aí há muito tempo, essa sua roupa já tá avisada e tal, o Zé Carlos falou assim, é faz sentido e troca de casaco, mais era o sinal né? O Gil tinha um casaco específico pelo menos, sei lá né? Verde fúcsia. É... e ele troca de casaco com, com o Zé Carlos, e aí assim a polícia sabe quem é o Zé Carlos, mas eles já tão de olho no aparelho ou pelo menos digamos, no prédio do aparelho né? Fica um monte de gente de tocaia na região, alguns numa esquina outros na outra, não sabe exatamente aonde é porque o cara entra, sai aí ele pula o muro e aí volta né? É assim todo dia pra ir pra... pra voltar pra casa né? Pula o muro, desce no ônibus, desce três pontos antes no outro desce um ponto depois, aí vai a pé, aí entrar num bar ficam duas horas no bar sei lá né? Isso tudo isso pra despistar então, eles tem... eles sabem mais ou menos onde é mais não sabe, exatamente, sabe de uma indicação mais precisa, a indicação é essa. Aí, ele troca de casaco e aí a polícia, consegue saber quem é o Zé Carlos, e consegue, seguir o Zé Carlos, é, é, na entrada né? É na hora

que o Zé Carlos entra no... acho que é um fusca, entra num fusca do Adalberto e do João Paulo, deita lá atrás, senta lá atrás naquele negocinho lá tipo um negócio assim, é naquele... chamava chiqueirinho, senta lá atrás e aí ele sabe segue, e aí só pegam... só... tentam encontrar a melhor oportunidade. E aí nesse momento aí o Gil é super elogiado né? O cara fala assim ah muito bom! Você foi ótimo! Pegamos o homem sei lá o que, e aí é isso aí o Gil some, da história. Aí muito tempo depois... eu tô achando que é 76 tô chutando 76 eu já, já tava no Brasil, portanto, ele procura a minha mãe, fala que tem uma coisa pra falar com ela, pede pra ela gravar, ela com o gravador aí ele conta a história inteira, fala... porque ainda a coisa degrading muito rapidamente né? São... é muita gente muitos... os inicialmente cento e vinte um, cento e não sei quantos mortos é dezenove ou dezessete são diretamente relacionados ao, ao Gilberto 1 décimo, dos mortos é nesse primeiro momento né? Que depois o número foi aumentando a medida em que foi se percebendo que é... havia relaciona... havia assassinatos, cometidos pelo órgãos de repressão que não eram imediatamente.. não tinha sido imediatamente ligados a ... ao fato né? Mas aos poucos foi sendo ligados mas imediatamente, mais aqueles imediatos conhecidos lá no primeiro momento lá pelo Fernando Henrique, um decim... um decimo mais de um decimo né? Um sétimo tem, tem a ver diretamente com o Gil eu acho que isso, o mobilizou em algum momento, ele gravou esse negócio pra, pra minha mãe, deixou lá então minha mãe passou muito tempo sabendo disso, eu acho que só a Eleonora sabe, a única pessoa que soube disso desde o início a Eleonora minha mãe contou, a Eleonora falou você quer contar pra todo mundo precisa nem de falar sobre nada, consigo nem falar o bom dia! Quero pão, vou sair contato pra todo mundo convencer todo mundo lá de São Paulo, que não fui eu, eles não precisam, é guardar isso aí. Mas enfim, aí o que acontece é que, em 80, a Veja começa... a Veja, começa a ter, uma atuação a época de uma outra senhor, é começa a ter uma atuação mais decisiva e tentar, é tem a ver evidentemente sempre com pessoa né? Vendo carta ali, fulano de tal ali sei lá quem, é, tem a vi... começa a ter... a tentar mexer com isso né? Tem uma carta que ficou muito famosa porque envolve um professor de Loyola de Belo Horizonte que era um torturador né? Que era, Henrique esqueci o nome dele. É, mas antes disso tem uma, uma capa... eu não lembro exatamente o chamado nem nada mais a capa é alguma coisa mais um delator abriu uma coisa assim, e aí tem uma longa, entrevista com, com o Gil em que ele conta tudo, né? Aí muda completamente... eu acho que muda também o modo como a minha mãe, encara essa questão, e acho que aí talvez ela

começa a, a falar, aí a minha mãe começa a discutir isso, falar sobre isso, começa a tentar reconstruir essa história, juntar os caquinhos, até então eu acho que ela tava no estado de estupor né, ela deve ter vivido uns 7 anos sem saber exatamente onde ela tava. Enfim, porque não tem mais nada né? O marido morreu, o filho não é mais filho, o outro também não é mais filho e todo mundo te odeia, né? Realmente, né? (trecho incompreensível), não, não vou entrar nisso não, não é situação de fazer uma crítica ao o resto do mundo né? Vão fazer critica realmente em quem realmente é o gerador do problema. Mas enfim, aí é isso a, a minha mãe passa 7 anos nesse, nesse negócio e aí a partir de 80 ela começa a se reencontrar, reconstruir etc, aí coincidi porque aí eu já tô com 11 anos, eu passei esse tempo todo, é vivendo um sentimento de, de perda é? O sentimento é de abandono né? Demostra sentimento de abandono então a minha mãe não ficou comigo e eu... tudo bem eu adoro meu pai minha mãe mas tem uma outra mãe que não ficou comigo, não quer saber de mim etc e tal, embora essas cartas estão aí, as cartas... mas as cartas normalmente tem duas linhas eu vou mostrar pra vocês as cartas assim, mamãe gosta muito de você! Mamãe te ama! É, sei lá seja feliz! Mamãe não sei o que bla bla bla, não tem nada né? São cartas na verdade uma expressão meio, meio brutal de afeto, sem muito mais do que isso sem... elaboração, elaboração começa eu acho da parte dela e portanto da minha parte também porque em certo sentido eu guardei isso como ok isso aí eu... uma coisa que eu não vou conseguir mexer com isso sozinho, então fica aí nesse canto aí eu toco minha vida, uma nova vida que eu tenho desde os 4 anos, então como se eu tivesse duas temporariedades, eu tenho 47 hoje e 43 em certo sentido também. É, então é... aí começa uma elaboração dela e aí a gente começa a se apro... se reaproximar, e aí a partir de 80, ai tem essas visitas todas eu vou a João Pessoa, vou a Florianópolis, vou ao Rio, é, vou a Uberaba, vou a Uberlândia mais aí eu já tô aumentando, é vou a Brasília vou aumentando muito os espaço temporal né? O escopo temporal, ai já juntando 20 anos, é...

EDUARDO: Nessa situação, naquele momento, né? A partir da década de 80, de reelaboração, e aí eu começo a pensar nessa, nessa situação né? Começo a pensar o quê que foi isto tudo, que foi... como é que isso me marca. Hoje eu tenho absoluta clareza, já há muitos anos, eu tenho absolutamente clareza em que... deve ter gente que pensa em si mesmo, mas eu só sei da minha experiência né? Eu nem sei a experiencia dela. Mais eu suponho que deve de ter gente que pensa de si mesmo que sua vida é, não só linear, né? Mas que você é um... é a sua consistência né? A sua

substancia com, com si mesmo é não problemática né? Ou seja, pessoa pensa assim bom! Sei lá eu nasci não sei aonde, blá blá blá, fiz não sei o que, aí eu estudei sei lá o que, aí eu casei, eu tenho filhos. Comigo não tem nada disso né? A minha vida é uma... eu sou integralmente isso, essa história né? Eu me sinto essa história integralmente. Tudo. Todos os meus passos... eu nem penso, não tem nada de consciência. Não é assim: “ah vou fazer isso!” Mas eu vejo como o modo como sou, o modo como eu... como eu lido com o mundo, como eu lido com as pessoas, ela tá toda marcada por esse... por essas duas situações... por duas ou três situações talvez, né? Por esse período inicial, que é um período de muito afeto, muita expectativa, muita esperança, mas, ao mesmo tempo, muita atividade, muita... evidente que eles, eram superafetuosos então eu sou protegido da brutalidade mas, você vê a brutalidade, você sente a brutalidade. Aí depois, um outro momento que é o momento de ruptura, e um momento de reconstrução, que se segue talvez aí dentro desse momento de reconstrução também tem um momento de reelaboração da história. Então eu sou isso, né? Eu acho que isso me marca integralmente em todas as coisas que eu faço, no modo como eu constituo relacionamentos, nas escolhas que fiz profissionais, no modo como eu fiz escolhas profissionais. Eu tenho um... depois disso, né? Então pensando um pouquinho em quem que eu sou, e quem que eu fui... depois disso quem sou eu, né, agora? Deixa ver se tem alguma coisa desse passado aí. Bom, tem. Tem algumas coisas talvez, ainda pra temperar né? Nessa época aí, mais ou menos em 80, a gente volta da França, alguma coisa coincide... deve ser 79, 80 e é um momento de abertura, né? Então, tem abertura 79 pra 80, tem abertura e aí também tem abertura da história da minha mãe... e aí ela, ela mesmo se abre a pensar coisa, e eu também vou começar a pensar isso. Eu começo a fazer terapia mais ou menos quando eu tinha isso aí, 11 anos. Acho que antes disso eu fiz quando eu tinha 7, sei lá 5, eu nem sei quando eu voltei da França... 7 anos, 6. Mas com 11 anos eu começo, mais intensivamente. Então é uma situação um pouco de abertura, de tentar fazer alguma coisa com essa história de deixar, de não pôr uma pedra em cima, tirar a pele e ver o quê que tem ali embaixo né? Eu acho que é meio coletivo né? Esse momento é meio coletivo da história brasileira. Então nesse momento, eu começo a me... a lidar com esse processo e aí tem essa situação, que é uma situação importante também né? Um pouco antes, na verdade, deve ter sido entre 76 e 77, minha mãe sai da cadeia e procura o meu pai, e fala: “bom, eu voltei, eu quero ficar com o Eduardo”, e aí meu pai fala assim: “não, não, agora o Eduardo vai ficar comigo”.

Você tem que se, que se pôr de pé, não tá em condições, você tem que dar um jeito na sua vida, etc... e aí nesse momento talvez aí a situação ainda fica mais confusa porque eu provavelmente, soube sem saber disso ou se eu soube na época... Eu mesmo não opinei, certamente, mas é fato que a partir daí eu começo a manter uma relação mais tensa, talvez, com a história da minha mãe, né? Eu acho que esse período aí, é o período mais difícil da minha relação com ela porque já tinha 4 anos, 5 anos que eu não a via e nossa troca de cartas esporádica; eu já tô me sentindo completamente filho da Magda e do Everaldo, então ela se torna um pouco... uma coisa com qual eu tenho que lidar, mas que na verdade não dá para lidar diretamente ou indiretamente, é muito complicado, e eu não tenho lembrança daquilo. Então é um momento em que eu acho que a minha relação com ela foi mais difícil, né? De qualquer forma... porque é que eu tô contando isso? Porque essa decisão... É só para dar um exemplo, né? Essa decisão repercutiu até muito recentemente, muito, muito recentemente. Deve ter 5 anos... então deve ter 5 anos que essa coisa repercutiu. Um dia eu estava na casa dos meus pais, Everaldo e Magda, aqui em Belo Horizonte; tenho dois irmão né? Dois meios irmãos... eu tô só caracterizando como meio irmão, mas sempre considerei totalmente irmão, e me considero desta família, né? Evidente. Eu acho que o Neves até indica isso claramente. Eu me considero dessa família; eu tenho outra mãe mas minha família é essa. Então eu tenho dois irmãos, Bruno e Priscila, e nesse período, 5 anos atrás, o Bruno morava... isso eu já tinha voltado ao Brasil, Priscila é fisioterapeuta e trabalha na verdade com política social de saúde, morou um tempo na África, morou na Espanha mas acho que ela já estava no Brasil, acho que ela tinha nos... ela veio ao Brasil, provavelmente eu ainda estivesse fora, isso eu não tenho certeza. Mas o meu irmão certamente morava na Suíça... Deve ter sido o primeiro ano dele na Suíça então isso tem 4 anos. 4 pra 5 anos. Primeiro ano dele na Suíça, e aí eu entro em casa... olha que coisa, né? Isso eu tô dizendo que realmente marca tudo... isso é... impressionante! Eu entro em casa, aí eu falo oi pra todo mundo, bla bla bla bla... minha mãe tá falando com o meu irmão; meu pai tá do lado assim, eles estão falando via Skype; eu detesto Skype, eu não gosto nem de celular, nem nada disso e etc, enfim, aí eles estão falando no Skype, aí eu entro assim e a minha mãe fala assim: “ó, eu tô falando com o Bruno!” aí eu falo assim: “oi, Bruno! Beleza? Beleza. Tá bom? tá bom” aí eu saí. Aí eu vou pra casa e meu pai me manda um e-mail, mais ou menos nos seguintes termos: Hoje quando você falou com o seu irmão, eu vi que você não se sente parte dessa família, que a minha decisão lá

em 78... isso lá em 2012! Ah, Jesus! Né? Foi uma decisão que incorreta, você devia viver com a Madalena, ela que é sua família, ela e o Lucas. Gente, o Lucas, que é o filho da Madalena com Alfredo, até aquele momento eu tinha visto três vezes na vida. A Madalena eu vejo, sei lá... cinco vezes por década, né? Eu tô entrando na minha quinta década deve ter visto contando da primeira década, cinco vezes por década, né? Então, eu não me sinto de jeito nenhum da família da Madalena. Eu sou filho dela, eu me sinto filho dela mas eu não sou da família dela, não sei quem que é da família dela, não sei nem quem que é, não sei qualquer coisa do dia-a-dia dela, não sei nada da vida dela, não conheço nenhum dos amigos, não sei a casa aonde ela mora, não sei nada. Então o meu pai escreveu foi uma decisão eu acho que você tem que, não sei o quê que tem. Foi uma coisa inacreditável! Pensei assim gente, ele não fez o que eu fiz e que a Madalena fez né? Que é tirar a pedra o mais cedo possível e ver o que está acontecendo embaixo da pedra. Na hora que ele tirou a pedra tinha um vulcão explodindo, cheio de vermes. E aí... bom, é isso, aí eu recebi esse e-mail e fiquei chocada, né? Mandei o e-mail, enfim é que também tem a ver o modo como lido com isso, né? Mandei o e-mail público. Eu respondi ao e-mail dele com cópia para minha mãe, para minha outra mãe, pro meu irmão, pro meu outro irmão, pro meu meio irmão, pro pai do meu meio irmão, pra tia, pro meu irmão Bruno, pra todo mundo que tem a ver com essa história, dizendo que não é isso; que eu me sinto filho da, Magda e do Everaldo, que eu sei que sou filho da Madalena, que me sinto também filho da Madalena, mas que minha relação com ela não é uma relação de família, né? Eu não sinto ela como minha família. Eu sinto ela como minha... é de onde eu vim, né? Assim, e tal mas não é minha família, né? E que na verdade, se há possibilidade... se é afastamento e evidentemente que há afastamento; tenho 47, o Bruno tem... o quê que o Bruno tem? 45? Então, o Bruno deve ter 42 anos... dá pra fazer conta exata... o Bruno tem... vai fazer 42 anos... Bruno tem 41 anos. A gente não é criança mas então evidentemente que é afastamento, mas afastamento não tem nada haver com a aceitação ou não da família, né? Esse afastamento tem a ver com o fato de que a vida é diferente. O cara seguiu uma coisa e eu segui outra. Ele mora na Suíça, é diplomata, eu sou... moro em Belo Horizonte, sou professor universitário. Nossa vida, só por esse recorte, é totalmente diferente, né? O sujeito tá... só isso, até corte social. O sujeito A1 e o outro tá tentando não cair pra C, então a gente não tem nem que compartilhar. Vou fazer o que? Ah! Vamos no Vecchio Sogno? Eu falo assim, “não, vamos comer um sonho na padaria”... eu tô brincando, né? Porque ele não é nenhum babaca, de jeito

nenhum. Ele é um cara ótimo! Mas na verdade... o mundo totalmente diferente em todos os aspectos; ele mora num lugar eu moro em outro lugar, ele tem uma realidade, eu tenho outra realidade, então nós nos afastamos mesmo. Afastamos porquê... por conta distância e tal. Não só dele, da minha irmã hoje nós reaproximamos, hoje estamos próximos, eu e minha irmã. Eu e Dori já nos aproximamos e afastamos várias vezes e nenhuma delas é questão chave, era quem, qual família você pertence. Então, eu mandei o e-mail dizendo isso tudo pra todo mundo e tal, não sei o que tem, aí pronto. Acabou que meu pai pediu desculpas, minha mãe Madalena me apoiou, e a minha mãe Magda chorou muito; acabou com meu pai, disse que não aguenta mais, que sei lá o que, acabou com ele lá. Não tenho nada com isso né? Quer dizer, tenho foi eu que gerei mas... Aí eles tiveram a conversa deles lá, do jeito deles mas... não tem jeito, foi por aí a decisão, né? Mas enfim, é isso que eu tô dizendo, esse é um caso né? Essas coisas voltam de tempo em tempo. Elas voltam muito intensamente, tanto negativamente, que esse é um exemplo claramente negativo em que a coisa volta do jeito que não deveria né? Mas isso não é tanto... a minha reação é uma reação brutal, mas não é tanto uma responsabilidade minha. É uma coisa de disso ter ficado mesmo, não ter dito né? Meu pai não ter dito isso né? Meu pai não ter me falado assim “ah! talvez eu devesse ter te devolvido pra Madalena, não falou isso. Ele vai falar isso quando ele tem 70 anos e eu 42, né? Depois de 30 anos? Eu tinha 11, eu tinha 11 ou 10 quando ela me pediu de volta, então ele tinha que ter dito isso lá atrás tal, e a gente... Tinha que ter conversado sobre isso na medida que uma criança de 11 anos consegue conversar sobre isso. Aí eu ia falar “ah! porque eu gosto muito de você”, pronto acabou, e mais nada, e ia brincar né? E teria sido facilimo, né? E o problema foi adiando de bicicleta. Mas enfim, aí... esse é um caso né? Em que a coisa retorna negativamente. Tem um outro, que eu acho que é o que me tece; que não é negativo, que tem a ver com isso que eu te falei né? Que eu... vos falei... sobre o modo como eu sou... sobre uma estrutura em certo sentido, numa junção de momentos que tá sempre em um equilíbrio. Não é o equilíbrio, exatamente instável, mas pra que o equilíbrio seja estável é um exercício constante né? Eu tô sempre em atividade, não só atividade emocional, afetivo em relação a isso, mas eu tô sempre fazendo coisas. A minha vida inteira era marcada por esses... por isso né? Eu... em 88, quando eu decidi fazer vestibular... eu fui fazer vestibular... pra engenharia eletrônica e computacional na Unicamp, por isso que eu comecei a estudar. Na verdade eu tinha desde alguns anos uma relação muito íntima com a música, eu

achava que música ia ser meu negócio, mas na verdade, essa não era uma coisa que lá em casa tinha muito sentido né? Meus pais falavam assim, “não, não vai ser músico”, mas é que não tinha muito sentido, eles nunca entendiam muito o que eu queria com aquilo e como eu ainda não tava totalmente decidido, esse negócio sempre permaneceu um pouco ambíguo em relação a mim, mas eu tinha estudado muito música, muitos anos e tal mas acabou que eu me decidi aí por esse curso porque eu tinha tido contato desde cedo com o computador em função de relações que também têm a ver com o movimento estudantil, com a esquerda, com estudo porque... algumas das pessoas com os quais nós vivemos na... uma pessoa especificamente né? Com quem nós vivemos nesse período de exílio que foi muito próximo da gente que é o Zé Luiz Guedes... também foi exilado, perdeu direitos políticos etc, o nosso é o tal do autoexílio né? Porque meu pai, na verdade, conseguiu através desse Veloso esse contato na França e foi né? Não foi expulso. Mais o Zé tava realmente exilado né? E o Tomás, e o Aroldo também tava nesse período então nós tínhamos contato com eles, mas enfim, esses são outros caras né? O Zé Luiz, ele tinha um cunhado na verdade, que foi uma das primeiras pessoas que mexeu em um computador no Brasil. Eu não sei exatamente como é que isso aconteceu mas ele trabalhava, não sei se foi na Mendes Júnior, uma empreiteira qualquer e, eu não tinha computador, não tinha nada disso né? Década de 70. E aí ele foi um dos primeiros caras que trabalhou com isso; então, quando eu fiz aniversário, acho que foi de 10 anos, 9 anos... Sei lá. 9 ou 10 anos, ele levou isso pro aniversário, pra gente ver como era um computador e aí eu me encantei com aquilo. Aí eu ganhei um computador e eu mexi com isso até os 18 anos intensamente. 17, sei lá quando é que eu fiz vestibular... 17, e aí eu falei assim “ah! Vou fazer isso porque eu tô muito acostumado com computador eu gosto desse negócio, mas eu... onde eu caí... eu caí (Ininteligível)

EDUARDO: Que ainda hoje talvez seja problemático. Na minha época era absolutamente problemático. Na minha época, um curso de engenharia, particularmente, um curso desse né? Que era um curso realmente focado em elite né? Eram não sei quantos por vaga, cinquenta e tantos por vaga. Um curso na Unicamp... eu sai de Belo Horizonte, a minha intenção foi sair de Belo Horizonte, tentar me... pensar... já tava nesse processo de rememoração né? Reconstrução; um trabalho com a memória né? Tem um termo alemão ótimo pra isso (Trecho incompreensível). É um trabalho com a memória, é um retrabalho. A memória já tava nesse processo então eu falei assim, eu tenho que morar sozinho, eu tenho que saber quem eu sou

etc. Então eu resolvi ir pra Campinas, meus pais me apoiaram, “isso vai pra outro lugar”, e tal e eu resolvi ir pra engenharia em função dessa decisão, mas que era um curso que não tinha nada a ver comigo. Era um curso, era um curso... eram setenta pessoas, era uma mulher. Setenta pessoas, uma mulher. Era um ambiente absolutamente misógino, homofônico, conservador... uma coisa horrorosa! Eu consegui estabelecer umas duas, três relações mais próximas, mais afetivos, e assim mesmo por um lado, que nem era pro meu lado assim, não era uma coisa com a qual eu me identificava, mas eram pessoas mais relaxadas né? Que era um povo lá que fumava maconha o dia inteiro então, eu fiquei amigo deles, né? Então... eu fiquei mais próximo desses caras mas eu não conseguia manter relação nenhuma, todo mundo era de família de elite né? Do Brasil inteiro, né? Ainda não existia Enem, mas existia concurso unificado. A Unicamp não tava na Funesp, que no fundo é quase a bolha de ensaio... o balão de ensaio do Enem. É uma medida. Ao mesmo tempo tinha seu vestibular próprio, um vestibular totalmente atípico, então era um monte de gente, homens brancos de elite e tal... Um ambiente horroroso né? Só pra entender exatamente, depois de um ano, eu resolvi sair do curso e aí eu pedi transferência pra física, aí fiz física, né? Então, essa coisa, já quis música no passado, aí entrou em computação, eu passei pela engenharia, eu já tava na física isso num período de 2 anos. Em 2 anos, eu já tava mudando de quatro vezes o quê que eu queria fazer da vida. Mas momento decisivo né? Isso é um caso que, que identifica bem o que que é que não tinha sentido nenhum, né? Eu tava conversando com algumas pessoas até muito simpáticas do curso, tomando um suco e tal aí chega um cara cantando, New York, New York. O cara tinha um vozeirão, cantando a la Frank Sinatra, New York, New York. Aí a gente riu e não sei o que, ele falou assim “ah! São Paulo tá precisando de uma música dessa” A maioria das pessoas de lá são de São Paulo. “Tô precisando de uma música dessa”, aí eu muito, ingenuamente porque não esperava que ia... essa seria essa mais enfim, né? Disse “Ah! Mais tá cheio de músicas boas sobre São Paulo, samba por exemplo, acho uma música que explicita muito claramente o que é São Paulo, pelo menos pra mim, acho uma música ótima. Era um cara que era um dos mais simpáticos, virou pra mim e falou assim “Samba do Caetano Veloso? Aquela bichona? Então você é uma bichona?” Aí eu falei “Então talvez eu seja uma bichona.” E aí eu lembro que saí de lá pensando assim “o quê que eu tô fazendo com isso, como é que eu vou viver?” Veja, eu não tava... não tava na esquerda, militando... não tinha nada disso. Não tava nem pensando em nada disso. O Brasil tava uma merda...

uma merda completa naquela época. Não tava pensando em nada disso né? Mas eu falei, não tem a menor condição, esse negócio é orgânico. Não consigo, não vou conseguir. Aí eu voltei pra Belo Horizonte pensando; eu não vou conseguir, aí meu pai falou “ah! Não, você tem que engolir e levar até a frente, porque essa é a coisa que você melhor faz. Você tem que ignorar esses caras, arruma relações em outros lugares e tal”, mas eu não consegui. Eu já saí daqui; aí depois ainda tive isso aqui, tem uma... uma cicatriz. É no dedo, grande; tava mexendo com um torno, torno mecânico né? Eu tô rindo, enfim, um torno mecânico, mas enfim, eu também não sabia de nada disso, de Lula... né? 80. Aí isso daí era... era, o Lula acontece antes até, eu acho que 78, que ele perde o dedo, enfim... isso aí já tem muitos anos já tem já aí, uns 18 anos, mas a coisa tá se construindo ainda né? Então isso não é referência nenhuma pra mim, mas enfim, eu tava mexendo com torno mecânico, ele tem a castanha, um trem gigante cada uma delas pesava 8, 10 quilos eu tava trocando a castanhas, ela escapuliu da minha mão, segurei com firmeza, e ela bateu e abriu o meu dedo; meu dedo enorme, eu vi o osso, sangrou etc. Aí um cara muito simpático, muito tímido que era da turma; não cheguei a ser amigo dele mas era um dos caras mais simpáticos, me acolheu assim e tal, o resto riu todo mundo, né? HAHAHA e tal, é o básico, né? Todo mundo riu, ele me acolheu e tal; e sangue, muito sangue e tal, não sei o que, doendo demais, aí ele me levou pro cara que era o responsável pela, por isso. Isso é um laboratório né? Você tem laboratório de Engenharia Civil, laboratório de física, não sei o que, esse era o de mecânica. Me levou, o cara lá que toma conta do laboratório falou assim: “Ó, o cara ele tem que sair. Ele precisa de uma licença pra poder sair daqui, porque não era na Unicamp. A gente fazia isso no Senai, não sei aonde. O cara olhou e falou assim “Ah! Não vou dar a licença, não. Se fodeu!”, aí eu fiquei lá, esperando o final da aula com o dedo aberto, né? Aí, isso foi na mesma semana, aí eu falei, não vou ficar nisso nunca mais. Então essas, essas coisas né? Ela se tornaram, uma... é antes de eu refletir, 18 anos, 17 anos refletir decididamente, isso já é me marcou. Tinha coisas que... linhas que você não passa, né? Não gostar da música, é uma coisa, outra é você gosta do Caetano, aquela bichona então, você é bichona. É uma linha claríssima, você não pode nem gostar do que você quiser mais essa linha não passaria. Essa também, o cara machucado, todo mundo riu e ele fala assim “Se fodeu!” e você tem que ficar lá duas horas esperando pra costurar o dedo? É um... é uma linha que eu não vou passar, eu falei, essa linha não vou passar. Eu não sabia nem que era isso. Mas enfim, aí eu voltei pra Belo Horizonte, resolvi mudar

pra física, e aí começa a coisa de novo. Eu tô tentando indicar justamente como esse negócio... isso que eu sou, que são esses momentos, que eles são muito tencionados politicamente. Implicitamente muito tencionados politicamente; meu esforço constante assim, de tá juntando essas coisas até hoje; até recentemente como professor, por exemplo, a ocupação no final do ano passado. Também ela tenciona brutalmente a mim mesmo porque eu tenho que simultaneamente, ouvir os alunos, conseguir participar da ocupação sem ser protagonista, porque não achavam que ele tinha que ser protagonista, e pro outro lado tem uma postura enorme com um dos professores para não afastar, e tem que fazer com que os funcionários entendam; é um trabalho enorme, eu era chefe do departamento, eu fiquei 3 anos como chefe do departamento e era pra ser um só, mas o cara assume a chefia, sai imediatamente, larga na mão eu assumo de novo, o cara anterior da chefia sai 6 meses antes continua com, com o dinheiro eu tenho que assumir o trem todo, ou seja, eu tenho um monte de situações, loucas e eu vou tentando pegar elas todas, e é sempre uma situação de tensão brutal. Então tem um conjunto enorme de condicionantes digamos assim que são, intensamente políticos, e que eu não consigo deixar de tentar aglutiná-los e controlá-los minimamente né? Eu... depois eu conto a história de chefia que fica muito evidente. Eu acho que aos meus 7 anos ou 8 anos de UFMG, indicam isso muito claramente, como tem a ver com essa história, mas eu vou chegar a isso aos poucos. Bom, então eu tô lá em, (Trecho incompreensível) 88, 89, sei lá, aí eu entrei em física. Mudei pra física aí eu me senti muito mais à vontade, e aí na física eu conheci uma moça, Mariana. Comecei namorar Mariana. Aí comecei namorar Mariana e o pai da Mariana era filósofo; aí beleza, a gente conversou um pouco sobre física, filosofia etc, e aí aos poucos foi se descortinando; eles tinham sido clandestinos. Eles conheciam o Zé Carlos, conheceram a Madalena, se reconstruíram... faziam parte dessa história, desse conjunto de paulistanos que achavam que minha mãe tinha dedurado todo mundo, foi uma das primeiras coisas que a mãe da Mariana falou ali ela falou assim, “Ah! Ainda bem que saiu aquela notícia na Veja né? Nós todos aqui achávamos que a sua mãe é que era o calhorda”, aí eu “é pois é” e segui com minha vida. Enfim, aí eles... conversando muito, eu gostava muito do pai dela, já é falecido, Everardo, aí conversando muito, que é um nome que tem uma letra diferente do meu pai, Everaldo, né? Isso assim é só coincidência, né? Aí conversando muito com Everardo, ele falou “eu tô achando que seu negócio é filosofia não é física, você gosta dessa questão abstrata, mas isso não tem mais na física. Lá eles são todos de laboratório. Você vai

ficar o dia inteiro em laboratório.” Ele mesmo era no campo da filosofia assim, agente diria, embora ele fosse um sujeito claramente de esquerda e tal, ele era de um campo mais tradicional da filosofia né? Eu tô no campo mais aguerrido, radical, sei lá né? Mas ele dizia “Não, cê tem que sair filosofia e tal”, e aí eu morava numa república, na verdade com um físico muito mais velho que eu. Já fazia doutorado, tava lá no se terceiro ano de universidade, aí eu resolvi mudar pra morar com um cara mais novo, mais próximo da minha idade, com quem eu conversava muito morava que na casa de trás, no barracão assim. Eu fui morar com esse cara e aí eu acabei ficando próximo, por conta da proximidade mesmo geográfica do vizinho, que é um cara chamado Auri, que era um cara também formado em filosofia, que tinha feito um percurso super semelhante ao Everardo. Os dois foram... o Auri, mais novo então ele na verdade foi militante só na UBES, mas os dois também participaram desse processo inteiro. E aí, de um lado estava o Everardo falando “não, cê tem que fazer filosofia”, e o Auri falando “não, cê tem que fazer filosofia eu fiz ITA, né? Onde eu havia prestado vestibular. Eu fiz ITA, e depois eu larguei tudo, eu... não tem, não tem sentido, esse é um outro mundo. E aí essas coisas todas casaram, juntou isso com aquela fala lá, do Caetano Veloso com o meu dedo, e eu falei assim “não, tudo bem! Então, vou fazer filosofia.” E aí na época, até 89... não, até 90 cê podia ter duas matrículas, agora, em um certo sentido pode, tem um mandato de segurança. Vocês tão rindo porque vocês sabem o que é mandato de segurança, é do meu orientando, né? Então... podia ter duas matrículas em universidade pública, e aí eu fiz física e filosofia. Eu prestei vestibular pra filosofia, e aí eu tava na engenharia mas como reabilitação, sei lá como chamava... reopção por física, e na filosofia. Aí no meio do curso de filosofia, eu acabei largando a física. Então eu tava no meio do caminho aí eu... na filosofia via física mas, já filosofia que eu me aproximei mesmo, da Mariana e do Everardo, etc e tal acabei que a física não concluí, fiz um monte de períodos, levei as duas juntas durante um tempo, não concluí e fui fazer filosofia. E aí eu fui fazer filosofia, meus interesses iniciais eram interesses realmente distantes dessa coisa toda, mas uma hora, no momento específico eu fiz uma disciplina já no momento chave lá no sétimo período em que eu tinha decidido o que eu queria fazer, uma disciplina, com o sujeito que acabou me marcando muito... não só como professor mas por uma série de conjunturas acabou tendo mais... uma história mais longa que isso que é o Marcos Nobre né? Que escreve na Folha de São Paulo, etc e tal, e foi meu professor e ele deu um curso sobre (Trecho incompreensível). Aí eu falei assim “acho que eu vou estudar

esse trem, né?” E aí evidentemente que eu mergulhei no meio da... do que eu tô chamando né? Sucintamente pensamento radical, o que quer que seja isso, né? Ainda teve crítica e eu mergulhei naquilo que eu vim a fazer na maior parte da minha vida; no fundo uma reflexão sobre a teoria social, ou seja, hoje eu me considero um filósofo da teoria social, um filósofo, social alguém que trabalha entre filosofia política e filosofia social; no fundo que eu chamo o modo como caracteriza isso é teoria social. Relação de teoria política e teoria social. Mas esse é um longo processo, eu iniciei isso na Platão, no problema da léxica e do conteúdo dogmático no livro 3 da república. Aí depois isso na Hume, aí depois eu descobri esse negócio, aí o Marcos me perguntou assim olha se cê não quer estudar errado, mas porque eu não era... eu sabia que estava ali, mas não era o tipo de coisa que eu queria estudar. Por que não estuda Adorno, cê conhece música? Eu falei sim eu estudei música minha vida inteira, falou assim Adorno é um filósofo também é um filósofo dessa tradição, que tem um monte de texto muito importante sobre música, que ninguém entende isso, que ninguém conhece música e tal. Porque que cê não vai fazer? E aí foi isso, eu fui fazer o mestrado sobre música em teoria crítica por influencia do Marcos Nobre, em certo sentido, do Everardo e do Auri, e esses sujeitos todos envolvidos, em alguma medida direta e indiretamente na construção desse espaço que é o espaço do Brasil de resistência digamos assim né? Ou seja, é isso é realmente muito notável. E aí fui fazer esse mestrado, mestrado eu acabei que eu, no meio do mestrado eu saltei pro doutorado então não concluí o mestrado aí fiquei um período na Alemanha, nesse... na Alemanha acabei me envolvendo com..., e aí já não é mais tanto coincidência né? Porque isso que eu tô dizendo né? No início parece um pouco coincidência mas se trata de escolhas que são escolhas que dizem respeito a esse meu esforço de tentar manter esses momentos minimamente coesos, exatamente por isso eu faço uma coordenação essa coordenação, ela é... digamos assim, é instintiva, essa coordenação é instintiva, ela tem essa cara, tem cara de quem eu sou então, fui fazendo essa coordenação fui juntando certas pessoas, e que ele tem certas tendências e certas influencias e foi dando nisso, que, que eu sou. E aí, quando eu fui pra Alemanha eu já fui, já trabalhando dentro desse campo, no final das contas eu dividi a casa, do meu orientador que tinha ido fazer, né? Sei lá, ia ficar 1 ano de sabático (Trecho não identificado) se eu não me engano, que era uma casa (Trecho incompreensível) eu dividi com um sujeito que é um... era uma figura chave desse... digamos assim de pensamento de esquerda alemão né? De um certo pensamento de

esquerda alemão nós dividimos, e ele era doutorando eu era doutorando também, os dois, um pouco mais velho que eu, mas, muitos anos atrás sei lá quantos uns 20 anos atrás quase, é 20 anos não é 17 não... 16 anos atrás...

EDUARDO: É, a gente dividiu é, casa então aí na verdade eu conheci o ambiente alemão em primeira mão, isso que no final das contas a teoria crítica, é fazia referência então não tinha tido nenhum contato de primeira mão e agora eu tive contato de primeira mão através dele, e aí eu conheci um monte de gente que tem a ver, digamos assim que é personagem, do processo de construção não só da vida alemã, né? Mas da vida política alemã mas também da reflexão sobre a política alemã através do (Trecho incompreensível), através de outras pessoas conheci é, um monte de gente que, que... autores tá, chaves desse problema. Então isso tem sempre esse esforço, e aí chega na... bom e aí o que acontece igual do Brasil tal lalara concluo o doutorado, não tem concurso nenhum no Brasil é uma... é antes mesmo de um doutorado, não tinha concurso nenhum no Brasil é uma, uma situação super difícil eu, eu preciso dar aula, preciso me virar bolsa, que tinha acabado aí eu já tinha dado aula no... nos momentos que eu tava sem bolsa e, aí a bolsa tinha acabado e aí eu resolvo bom tem que fazer alguma coisa e eu vou dar aula na, na Puc né? Vou dá aula na Puc caíram duas seguidas de filosofia, e aí eu fico dando aula de filosofia durante mais ou menos 1 ano, e aí eu vou dá aula de filosofia num curso de relações internacionais. E no curso de relações internacionais eu percebi que tinha um... o meu problema aparecia lá, a relação de teoria, teoria social e política, era, era o tema candente, é um medida (Trecho incompreensível) mas era o tema realmente relações internacionais por conta de um monte de problema desde, sei lá refugiados, refugiados internos, *state building* é um monte de problemas que são característicos disso né? Como é que eu faço uma reflexão acerca do que significa o ambiente político e simultaneamente eu tenho uma... eu tenho um certo, é... uma certa teoria, social, que vai dar forma a essa, essa reflexão política né? Então isso me casou aí eu lar... fui largando aos poucos as disciplinas da filosofia, e fui me aproximando de relações internacionais e aí de certo sentido um protagonista teórico no campo das relações internacionais, prestei concurso mas relações internacionais, passei meses estudando, Paulo um grande amigo com quem eu colaborei muito a essa época Paulo Esteves que hoje tá na Puc Rio. Paulo ó, tem essa biografia, uma biografia pequena, esse campo tem poucos anos, biografia é essa e dá uns vinte livros lê esses vinte livros cê passa no concurso. Eu li os vinte livros e passei no concurso e Fiquei, fui professor de relações

internacionais durante 6 anos. Isso foi interessante porque no final das contas... por conta disso eu me aproximei de uma série de outras questões que eu nunca tinha tratado, eu conheci economia mais a fundo que estudava um pouco na Unicamp. Mas não muito, conheci muito direito, né? Via direito internacional, conheci um monte de coisas que hoje formam o modo como eu penso o problema em geral, ou seja, essas passagens todas foram relevantes, particularmente... aí alguém pensa assim ah! Engenharia ou física, etc, foi crucial por que eu percebi desde o início que aquilo que se fazia na física, aquilo que se faz na ciências humanas sociais são, são coisas diferentes, que o termo ciência, aí é no caso é um termo equivoco né? Não que não, não haja ciência dos dois lado mais que na verdade o esforço de pensar, é, métodos e modos diferentes de fazer ciências nas duas me parecia evidente que eu tinha feito as duas coisas e falava assim, não tem nada a ver, um físico não faz nada, nada que ele faz, em qualquer semelhança com que esses caras estão fazendo do lado de cá nada absolutamente nada. Agora, nenhum dos dois é arte, nenhum dos dois é... sei lá o que esporte então, a gente pode deixar lá em ciência, e aí essa questão evidentemente lá atrás, já me carregava por meio das coisas das quais eu trabalho hoje, os autores com quais eu trabalho hoje, é (Trecho incompreensível) Foucault, é são autores que no final estão refletindo exatamente esse problema né? Esses problemas todos teoria política, é teoria social, o lugar da ciência, o que é produção de conhecimento e por aí vai, bom enfim. Então retomando um pouco, eu tava lá nas relações internacionais e aí eu comecei a trabalhar só com relações internacionais aí um dia por acaso eu estava saindo, e aí é mais esses acasos que na verdade, tem a ver com esforço meu de dar forma a mim mesmo, é isso que eu tô querendo dizer né? Enfim, como eu se fosse de dar forma a mim mesmo ele envolve, atividades profissionais, afetivas, políticas, a minhas escolhas o fato... vários fatos... eu ainda faço, falo uns 20 minutos tem problema? Que horas são?

INTERLOCUTOR: Vai dar 10h00min.

EDUARDO: É que eu tô tentando chegar até o final né?

INTERLOCUTOR: Tá.

EDUARDO: Temporalmente. É no final é ontem, digamos né?. Então aí o que acontece eu... sendo um pouco mais sucinto. Eu vou na... ainda nas relações internacionais entra em contato nessas coisas todas e por acaso eu tô aqui em Belo Horizonte, Belo Horizonte sem PUC né? Mas eu tava aqui na Savassi, eu tava

andando aí eu encontro uma professora que hoje é minha colega lá no departamento de filosofia da UFMG, encontro com ela fala assim uh! Eduardo, quanto tempo não sei o que, o que cê tá fazendo? Falei ah! Tô lá na Puc tarara relações internacionais, trabalho com autoria política internacional contemporânea, teoria política contemporânea, é... ela falou ah! Cê não quer mais voltar pra filosofia? Não, eu to bem lá, as vezes eu penso porque na verdade o quê que aconteceu né? Esse (Trecho incompreensível) isso é supercurioso, historicamente né? Coincidiu que eu entre na... nas relações internacionais mais a fundo em 2004, mas lá pra 2008, 2009 o campo das relações internacionais no Brasil se constitui, ele ganha um objeto, né? Era um campo não indefinido, era uma... havia uma disputa, isso é direito internacional? Isso é economia política internacional? Isso economia, isso é sociologia? Isso e antropologia havia uma certa disputa, eles se consolida, eles se consolidam numa série de ações alguns das quais eu participei, a fundação da associação, brasileira de relações internacionais, na... eu sou meio fundador, um texto que eu publiquei que é um texto que realmente repercutiu muito no Brasil e fora do Brasil sobre o que significa é uma teoria re... de relações internacionais crítica o que significa ser, uma teoria critica em relações internacionais, qual que é o objeto dessa crítica e por aí vai, então é, consolidou-se criou-se o objeto aí eu perdi o lugar, ninguém mais queria saber, a fundamentação... das filosóficas das relações internacionais As pessoas queriam saber, bom então é isso como é que eu vou fazer um tratado internacional de comercio ou um tratado internacional de é, um tratado de um refugiado sei lá o que tem, então como é que nós vamos fazer análise de política externa é Brasil - Venezuela, né? Então o objeto apareceu e aí eu fui, eu fui pra escanteio, eu falei eu já tava meio pensando esse relações internacionais não vai dar certo pra mim. Foi num semestre que eu tive que dar aula de introdução as relações internacionais, é sociologia II porque as minhas disciplinas ainda tinham interesse mas a minha disciplina já não era mais o campo o campo digamos assim, como auto reflexão, o Brasil tardiamente, isso tinha acontecido, qualquer coisa entre 5, 6 anos no... fora do Brasil e eu tinha revertido esse texto sobre o que tinha acontecido fora do brasil, enviar uma medida, contribuir pra mim a, a minha saída do... da coisa. Aí essa... professora Livia falou não mais tem concurso lá na UFMG, tem o concurso em filosofia contemporânea, se eu fosse você eu pensava em fazer, isso era uma sexta feira, não sábado né? Lançamento de livro ali no ouvidor sábado, e o concurso... ai ela falou, o problema é que é até segunda feira, a inscrição aí voltei pra casa conversei com a

Dora né? Falei assim acho que eu vou prestar esse concurso não tô tão satisfeito na, na Puc mais o Paulo tá pensando em sair, vou prestar esse concurso. Aí domingo me sentei, pensei numa (Ininteligível) os horários que eu tava pensando nanana inventei um projeto, passei no concurso bom entrei, fiz inscrição e passei concurso, aí foi isso, aí eu entrei concurso e comecei a dar aula de filosofia, mesmo num departamento de filosofia política, brutal na minha vida, que tem a ver com essa questão indiretamente né? O meu primeiro salário na UFMG foi 45%... 55% a menos do salário, do ultimo o salário na Puc, Então isso muda muito o modo como eu, ... passei a me encarar como, é percebi digamos chamar de uma certa proletarização é, cada vez mais intensiva da vida universitária, e aí eu mudei, o modo de encarar a universidade, por isso que eu, eu quero chegar nesse ponto, que eu mencionei isso rapidamente, esse negócio da chefia. Eu entrei na universidade recebi isso falei assim bom universidade pública, ela tem uma, uma função muito especifica ela tá, ela tá numa expansão né? Mas ela tem um... ela tem uma série de dilemas né? Inclusive outros relacionados a expansão né? Entrando um monte de gente, pouco infra estrutura, um conjunto pequeno de professores, teve que contratar professor muito rapidamente então cê tem é, um acumulo de concursos e aí enfim, cê tem esses processos todos e eu resolvi... eu, diria que eu me institucionalizei naquele momento ali, legal! Então tudo bem agora eu sou um professor da Universidade Federal de Minas Gerais, vou fazer só isso na minha vida, é isso, formou, é uma medida a minha vida em 2009, é eu e Dora tinha acabado, nós tínhamos, já um apartamento que... meus pais quando eu voltei para Belo Horizonte, 11 anos voltando um pouco tempo, 11 anos depois de, de ter ido pra Campinas aos 10 anos depois eu volto pra Belo Horizonte fiquei umas duas semanas morando com meus pais, aí um dia eu e minha mãe sentamos e falamos assim, não da pra morar junto mais sei lá eu tinha, sei lá eu saí com 17 eu tinha 28, é ainda mais pra morar, seu pai tem um apartamento lá que tá alugado, quando o cara sair do, do aluguel, é você, cê vai morar lá mas enfim, to contando isso, por que eu e Dora... nós moramos lá nos casamos em 2001, até 2001 nós moramos lá mais em 2009 quando eu prestei o curso na UFMG a gente já tinha mudado de apartamento algum apartamento mais, mais é, maior e tal aí nós decidimos naquele momento é, é ter filhos aí... eu vou deixar essa parte dos filhos por que eu quero concluir com ela. Mas enfim, aí em 2009 eu entrei na universidade eu realmente entrei nesse, nesse processo resolvi abraçar essa, essa coisa da universidade, da vida pública, da universidade publica em certo sentido é uma vida pública, é, realmente né, eu criei ai

já imediatamente um grupo de pesquisa, que é um grupo de pesquisa superforte que na verdade é eu tô lá é formando. Eu passei a entender que a minha... que realmente relevante é o formativo, quando entrei na universidade eu recebi lá o, processo informativo é o meu foco, processo formativo é que é realmente chave situação brasileira, né? Não adianta nada ficar com, publicando monte de ativo, é no latex que ninguém lê, né? Então eu preciso, informar as pessoas realmente eu me ajeito isso etc, então logo de início eu assumi Pet – Programa de Educação Tutorial , eu já cheguei assumindo pro Pet, fiquei no Pet 3 anos, e aí depois eu fasso 1 ano de pós doutorado, volto pós doutorado imediatamente eu assumo a chefia, eu assumo chefia nessa situação que eu comentei né? A chefia quebrou a chefia final, né? É um cara é, até sério, legal afinal mais quebrou, final da chefia foi superconfuso da chefia do... anterior, e aí na verdade a transição da chefia ela foi... se estendeu de julho até outubro, em julho eu já comecei a ser chefe mas em outubro é que eu efetivamente fui chefe, então fiquei 4 meses interregno aí, e aí depois eu assumi 2 anos de chefia, é aí transição da chefia não saiu, e quando eu fui chefe participei de todos os órgãos colegiados eu ia em todas as reuniões, eu conheço a reitoria, fui nos centros... nos conselhos universitários eu... realmente me tornei um sujeito institucional sobre essa perspectiva ao mesmo tempo quero tá totalmente focado em informação, em pesquisa. A minha informação e a minha pesquisa elas andam juntas, ou seja, eu pesquiso coisas que interessam no processo formativo e não aquelas coisas que, vá lá na minha casa e disse assim, ah! Se eu fosse um gênio que eu faria, eu penso assim, o quê que é interessante desse grupo de pessoas que eu estou formando, tal coisa então eu pesquiso isso, publico é nisso, coisas que referem-se a... as coisas que interessam aos meus alunos, meu, meu foco é menos menos em mim mesmo e mais em tentar fazer, com que esse movimento funcione, vejo com isso tudo tem a ver com, esse esforço que eu tô dizendo que é tentar de juntar, dar sentido há uma série de coisas que inicialmente são fragmentares eles são fragmentares por conta do meu processo, é ser tão fragmentado ele mesmo, historicamente fragmentado, né? E aí eu... então eu fico aí esses dois anos na chefia e aí ele tem... no final da minha chefia na transição da chefia tem a ocupação isso eu já cheguei no agora, né Ano passado tem ocupação, no chefe também o cara sede, também o cara institucional assume mais ele tem uma distância enorme e política, do quê que é ocupação, ele fica 62 dias, ele brinca, ele fala assim ô eu sou o Túlio Breve, ele fica 62 dias e, sai o chefia eu assumo chefia de novo... aí eu assumo a chefia de novo e eu fui a chefia até março.

Quando felizmente um colega, o Verlane assumiu a chefia, então eu na verdade eu fiquei... eu tô a 7 anos na universidade eu fiquei 3 anos (Trecho incompreensível) 1 ano fora do Brasil e 3 anos de chefe de departamento. Então... porque que eu tô dizendo isso? Porque é, é quase... esse semestre, em alguma medida, é a expressão, é o primeiro momento que eu efetivamente acho que dá pra, pra entender melhor o meu percurso dentro da universidade, demorei muito tempo pra perceber isso. E a... e isso na verdade eu resolvi tomar uma decisão, e focar integralmente nisso que eu tô falando agora que é o meu processo formativo é o cerne da, da minha... inclusive da minha atividade de pesquisa. E aí que acontece? Como meu processo formativo veja... e aí eu, vou fechar a coisa toda esse lado inteiro da discussão, como processo informativo está envolvido com um monte de gente jovem, quase todos da geração, de 2013 né? Que viveram 2013. A única questão que interessa a eles é essa. Então no final das contas acabou, que a minha pesquisa é sobre Brasil contemporâneo, é teoria po... é política contemporânea, teoria social com contemporânea, etc, ou seja, acabou que eu tenho... que eu na verdade, embora isso sempre esteve presente, eu sempre estudei teoria crítica eu sempre estudei Foucault etc mais esses eram temas teóricos e eu realmente não tava engajado, é nisso é dizendo que a partir disso eu vou, é vou dar uma certa recado, meu recado sobre o real né? Eu fiz isso lá na relações internacionais e vou ter que fazer agora de novo porque na verdade são esses as pessoas as pessoas não tão lá, preocupadas em qual eu sempre estive eu sou totalmente técnico, sou um cara é da filosofia absolutamente técnica, quantas vezes aparece a palavra tal? texto tal e quais são as variações que ocorrem entre os anos tal e tal da palavra tal? E como isso se refere, as leituras que o sujeito leu? É com isso que eu trabalho eles não estão interessado com nada disso, eles estão interessado é como é que eu faço com que essa teoria, tem alguma relação com isso tudo que tá acontecendo. Então, acaba que a minha disciplina desse semestre, por exemplo na pós graduação, é sobre teorias e práticas, então acaba que... eu to sempre passando né? Isso é realmente formativos tem a ver com aquela história toda anterior Eu tô sempre nesse, nesse esforço de juntar uma certa reflexão sobre o mundo, com minha prática e tentando dar é junção a esses momentos todos. E aí eu concluo com a... realmente concluo com uma observação sobre meu percurso afetivo, ou sei lá né? Conjugal né? É...

EDUARDO: Demorei muito é, tive vários relacionamentos estáveis eu gosto da ideia de relacionamento estável, eu sei que hoje é fora de moda mais eu sou... eu tô num

relacionamento monogâmico há 13 anos, 13 anos... mais de 13 anos 16 anos, 16 anos o relacionamento é monogâmico né? Enfim, totalmente fora de moda, o interesse sexual é monogâmico. Mas enfim isso é um acaso tem a ver o fato com o que gerou a... o fato de que ia dar certo, Dora e eu termos dado certo. Bom! Enfim nós estamos juntos esse tempo todo, e como eu disse em 2009 foi quando eu entrei na universidade, na verdade em 2008 a gente já tinha tomado essa decisão quando eu tava na Puc, que que eu tinha uma situação muito estável na Puc, tinha um salário muito bom a gente tomou a decisão ok vamos ter filho. Na verdade nós tomamos a decisão na seguinte forma, um dia a Dora virou pra mim e falou assim bom agora você vai pensar em ter filho? Eu falei assim mais eu nunca pensei em ter filho, se você tivesse me dito isso no primeiro dia que a gente, ficou junto teria sido justo, falar agora depois que nós estamos naquele momento a gente já estava junto a, 8 anos... 7 anos, é que você não quer ter filho ou que você não pensou em ter filho é injusto, eu falei não cê tem razão, fui convencido pelo argumento vamos ter filhos. E aí a gente, é a gente tentou ter filho, mais aí eu já tinha... sei lá quantos anos um monte, e ela também já tinha um monte de anos e os filhos não apareceram aí a gente resolveu adotar. Então o processo de adoção e temos dois filhos, e aí junta a coisa da junção, esse negócio dos momentos de tentar dar certo a coisa, como isso me caracteriza completamente né? Em 2009 nós adotamos o Antônio, é um tchucu, que eu amo! Adotamos em du... eu falo isso é claramente em duas horas, duas horas, no dia, semana, duas hora eu disse gente, esse menino saiu de mim vingou de mim pluft né? Não consigo nem pensar não viver com ele e tal eu realmente é, é uma relação construída evidentemente mas... e é isso é quase a demonstração da construção né? Que ele não tinha nada, eu nem sabia quem era o cara, o cara chegou lá e, bom... que funciona assim né? Cê fala, faz o perfilhamento, é assim o perfil, nosso perfil é um perfil totalmente aberto e tem a ver com essa questão também eu acho né? Digamos assim, da minha vida inteira o perfil totalmente aberto nós fizemos um corte só como se chama né? Dentro do perfilhamento, a gente não queria é doenças crônicas não tratáveis, porque a gente não tinha nem condição, a gente teria que mudar nossa vida inteira né? E aí falei assim não eu só, vou, vou fazer esse corte aí, eu e Dora conversamos fizemos esse corte, é pro... uma pessoa especifica né? Evidentemente pessoa tem que tá disposta a isso já que se trata de uma escolha né? Que é... existe essa possibilidade. Né então aí, aconteceu evidentemente o é o Antônio é do jeito que, que é adoção no Brasil né? É um menino negro, é menino negro né? O menos

adotado cinquenta e tantos por cento das solicitações de adoção são para meninas brancas até 1 mês de idade, evidentemente, quando cê chega o perfil aberto, isso foi maravilhoso, é um menino negro de muito mais idade. Aí veio O Antônio chegou com 3 anos, a gente sabe que o Antônio tinha dois irmão biológicos, é a Priscila e o Bernardo, na verdade o Antônio chama Antônio Valdeci que o nome dele era Valdeci, só que ele chamava Valdeci Ramos, Ramos é sobrenome da Dora, Então a gente só pôs o primeiro nome perguntamos se ele queria, queria ele escolheu o nome, e o ultimo nome que é o meu que foi... era Valdecir Ramos virou Valdecir Ramos Silva e Antônio Valdecir Ramos Silva, mesma coisa o Bernardo, O Bernardo Rondinele Ramos Silva o nome dele era Rodinele, ele sabia que tinha o Rodinele e a Priscila, e Rodinele estava no processo de adoção internacional que ele era mais velho brasileiro não adota criança mais velha na época ele tinha, 9 anos. Então ele estava num processo de adoção internacional pra Itália sei lá o quê que tem, ai beleza, e a Priscila já tinha sido adotada, um professor da UFMG inclusive. E aí tudo bem! Aí 2 anos depois, de adoção do Antônio nós fomos chamados pela vara de infância pra fazer uma testemunha sobre a doação inter-étnica, inter-racial e nós falamos sobre isso muito tranquilamente, o Antônio não foi, eu e Dora falamos, mostramos as fotos tal falamos que... essa coisa toda aí no final a Dora encontrou com o cara que é um assistente social que estava cuidando do caso do Bernardo, o Rondinele, e pergunta, ah e o irmão deu certo, certo? Adaptou-se? Não, não deu tudo errado, o escrivão aparentemente errou na certidão do nascimento invés de pôr o nome do pai Jorge Sebastião pôs João Sebastião, aí bateu lá o ministério de relações exteriores eles vetaram o menino tá aí deprimido coitado, né que não vai ser adotado, os irmãos foram adotados etc e tal. Eu e Dora estávamos pensando num processo... em abril no processo de adoção a gente já tava na verdade papelada toda uma doção... a gente queria agora fazer um outro corte que era uma menina, é então seriam dois um perfil mais um pouco mais restrito, é... mas sem limite de idade nada disso também, é aí, quando a gente ouviu isso a Dora me contou a gente falou assim não mais tem que pelo menos aproximar desse, desse menino. E aí que a decisão nossa foi em adotar né? Então é uma vez essa história de momento, juntar de tentar da conta né? O mundo é um caos é horrível, a vida é horrível, deixar isso absolutamente claro, a minha experiência é que o mundo é horrível, e que sem a atuação mesmo sem relação ativa, absolutamente engajada em que você tente, é juntar as coisas e preservar certos espaços, nixos de felicidades, certas é, certas é certas coisas

substantivas aí realmente ela, ela perde integralmente o sentido ela faz como se o sentido fosse juntar essa coisas. Então aí a gente resolveu então vamos adotar o Bernardo, e foi a época (Trecho incompreensível) Bernardo tinha 11 anos, ninguém adota um menino de 11 anos, é um outro tipo de adoção, né? O irmão biológico aí tornou-se irmão integralmente não apenas biológico em hoje eu... funciona perfeitamente, maravilhoso, mas é, é a ideia era (Ininteligível) por isso pensando como até nisso, né, que são das coisas das coisas afetivas no percurso é esse meu... a minha, o meu impulso inicial é, é um pouco, me desculpa a referencia, né? É uma coisa pernóstica, fazer esse tipo de referencia, mas é um pouco esse negócio de cuidar das ruínas, né, a la Benjamin, ta tudo arruinado, é um horror. Você tem que dar um jeito, cê tem que tentar fazer com que as coisas se juntem os momentos que se perderam, sejam minimamente fixados, recuperados pela memória, um retrabalho com essa coisa, a situação do Bernardo é isso, o modo como eu lidei com, com a coisa da chefia foi isso, bom tem que tá no carro ocê tem que dar seta, tudo bem! Eu entendo isso que não vai ficar claro, a ocupação detesta e você detesta a ocupação não vai ter jeito possível, tudo bem! Eu vou lá, eu fico nisso. Então tem um negócio assim né? Dá sentido à vida a partir da, coletânea da coleção desses momentos todos fragmentários, dessa coisa, vem uma marreta e esmigalha tudo, todos os seus sonhos, a sua vida inteira e você tem que tentar segurar o sentido da vida é um pouco segurar essas migalhas é tentar fazer disso um todo, e é o que eu tentei fazer. Isso aí obrigado, valeu.

INTERLOCUTOR: só uma...

EDUARDO: Diga.

INTERLOCUTOR: Só uma questão aqui, é, ficou aberto pra mim.

EDUARDO: TÁ.

INTERLOCUTOR: Nesse... no período que vocês foram pro Dops, é a você, Madalena, é...

EDUARDO: Só né? Por que o Dori aparentemente...

INTERLOCUTOR: O Dori... é isso que eu, minha pergunta é essa, ele ficou com quem?

EDUARDO: O Dori ficou com o professo Edgar...

INTERLOCUTOR: Ele estava com os avós?

EDUARDO: Tava com os avós.

INTERLOCUTOR: ainda tava lá eles... ele ficou?

EDUARDO: É, ele ficou, ele não foi, é ele não foi pro sitio o sitio só estava nós dois...

INTERLOCUTOR: Ah tá!

EDUARDO: Isso, tem o detalhe que.. ta certo. O Dori ficou com os avós quase em definitivo desde então...

INTERLOCUTOR: Uhum.

EDUARDO: Tanto que o... O Dori na verdade... se ocê for conversar com ele, ele tem... ele dirá que também tem duas famílias, a outra família é mais complexa que envolve o avô e avó que veio como mãe e pai...

INTERLOCUTOR: Uhum.

EDUARDO: E a tia Edite e o Chico, que é marido da Edite ficou como mãe e pai também, né? Eu acho que ele não cheg... ele não chegou nunca a chamar Edite, e o Chico de mãe e pai mais os ir... primos dele né? Não é, né? Que são Camile e Edgar, chama de irmão né? Eles são na verdade primos dele. Então é uma situação mais ou menos essa ele já, foi direto na casa do Edgar, ficou lá agora o quê que ele ia fazer se ele ia continuar lá, ou se depois que a gente estabelecesse onde era, acho que era o Chile, a ideia era o Chile, se eu não me engano, é, se a gente ia voltar, se ele ia pra lá não sei né? Mas ele não foi não, no sitio estávamos eu e a Madalena, só.

INTERLOCUTOR: É, a gente tá sem dúvidas também...

INTERLOCUTOR: É.

INTERLOCUTOR: Porque seu relato foi, amplo...

EDUARDO: Ahn?

INTERLOCUTOR: E super rica em detalhe né? E foi bom, te ver reconstruindo sua vida sempre memorando isso, a gente agradece.

EDUARDO: Valeu!

INTERLOCUTOR: Agora são 10h12min só pra terminar.

EDUARDO: Beleza, 1h42min.

INTERLOCUTOR: É.

EDUARDO: Uma hora, é uma aula. Eu só falo 1h40 também. Uma máquina de dar aula.

INTERLOCUTOR: Deixa eu chamar o moço aqui pra desligar.

INTERLOCUTOR: Nossa gelou esse negócio aqui, ficou muito frio! Quer mais água Eduardo?

EDUARDO: Não, tá ótimo!

INTERLOCUTOR: Eduardo, a gente quer ver as fotos.

EDUARDO: Ah tá bom!

INTERLOCUTOR: Você acha que dá tempo da gente ver?

EDUARDO: Não eu tenho tempo. Eu vou almoçar na verdade eu vou pra casa almoçar, então eu tenho tempo. Hoje é quinta né?

INTERLOCUTOR: Quinta.

EDUARDO: Quinta é almoço tranquilo, é que todo dia é, a gente divide todas as tarefas não tem, nada não...

INTERLOCUTOR: Ah tá!

EDUARDO: Então quinta eu, almoço fácil se fosse difícil eu tinha mais tempo.

INTERLOCUTOR: Na luz aqui.

EDUARDO: Nas quintas, almoço fácil, a mesa isso! Então vamos lá ver quais fotos interessam, talvez égar... você quer pegar uma cadeira?

INTERLOCUTOR: Pode pegar.

INTERLOCUTOR: Vai ser mais algum ou só esse mesmo?

INTERLOCUTOR: Oi, a gente pode usar só essa mesa aqui rapidinho?

INTERLOCUTOR: Pode, claro a vontade.

INTERLOCUTOR: Vai ter mais alguém agora?

INTERLOCUTOR: Não eu tô (Trecho incompreensível).

INTERLOCUTOR: Não, hoje acabou, hoje acabou, agora é só terça-feira.

INTERLOCUTOR: É hoje acabou. Obrigado tá?

EDUARDO: Esse álbum né? Eu tenho mais três fotos que eu não achei, eu acho que eu tava na casa da minha mãe. Esse sou eu, pequenininho na casa do seu Edgar.

INTERLOCUTOR: (Trecho incompreensível) a gente pode tirar a foto?

EDUARDO: Claro. As fotos realmente não bati essas (Trecho incompreensível). Essa é importante, essa é minha foto do passaporte.

INTERLOCUTOR: Passaporte de quando você foi pra França.

EDUARDO: Na França, esse sou na França. Essa é a foto (Trecho incompreensível) e esse sou eu. E esse é o professor Edgar. Essa é a foto talvez mais importante, de todo mundo.

INTERLOCUTOR: Deixa só eu tirar da luz aqui.

INTERLOCUTOR: Seu pai?

EDUARDO: É, meu pai. E essa é a minha outra mãe.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: A Magda né? Também são nomes muito parecidos né?

EDUARDO: É, uma chama Maria Madalena a outra chama Magda Maria.

INTERLOCUTOR: Magda Maria.

INTERLOCUTOR: É a Maria era é comum né?

EDUARDO: É muito comum né?

INTERLOCUTOR: Vocês ficaram onde na França? Esqueci de perguntar.

EDUARDO: Bordeaux. Essa cê tirou né?

INTERLOCUTOR: Tirei, vou tirar outra.

EDUARDO: Isso aqui são são exilados, essa é Gilse, Marília...

INTERLOCUTOR: Ah tá!

EDUARDO: E, é o Zé, o Zé Luiz Guetes. Deixa ver o que mais aqui, isso é Espanha e Portugal, Espanha e Portugal, essa foto tá fora do lugar. Não sei exatamente o que tinha aqui, ela era aqui.

INTERLOCUTOR: Quantos anos você tinha aqui?

EDUARDO: Não sei, eu tinha 3... 4 anos.

INTERLOCUTOR: Esses álbuns são incríveis né?

EDUARDO: É.

INTERLOCUTOR: (Trecho incompreensível)

EDUARDO: Esse é meu irmão, Bruno.

INTERLOCUTOR: Filho do Everaldo?

EDUARDO: Isso.

INTERLOCUTOR: O Bruno, o Bruno nasceu aqui no Brasil?

EDUARDO: Nasceu, aqui a gente já está no Brasil.

INTERLOCUTOR: Uhum.

EDUARDO: Ele nasce em 76 (Trecho incompreensível).

INTERLOCUTOR: Esses são os seus irmãos?

EDUARDO: Não, esse é o Dori essa é Maria lá atrás, Maria filha da Eleonora.

INTERLOCUTOR: Uhum.

INTERLOCUTOR: Ah tá!

INTERLOCUTOR: Maria de Oliveira?

EDUARDO: Maria Oliveira, tem outra foto dela. Ela mora em Nova York né?

INTERLOCUTOR: É.

EDUARDO: Aqui ô, eu e ela Maria, essa foto. Esse aqui por exemplo é, é o Pedro filho do Thomas (Trecho incompreensível).

INTERLOCUTOR: Aí cê estudava lá?

EDUARDO: Estudava lá.

INTERLOCUTOR: (Trecho incompreensível).

INTERLOCUTOR: (Trecho incompreensível).

EDUARDO: Então aqui é França no 75, e aqui 76.

INTERLOCUTOR: (Trecho incompreensível).

EDUARDO: Mais não é só pra época não, a Madalena (Trecho incompreensível).

INTERLOCUTOR: Esse negócio a data é (Trecho incompreensível).

EDUARDO: (Trecho incompreensível), aniversário, aniversário do Dori também (Trecho incompreensível).

INTERLOCUTOR: E assim, está difícil marcar com o Dorival, sabe?

INTERLOCUTOR: Ele é muito sofrido.

INTERLOCUTOR: É...

EDUARDO: Ele tá trabalhando demais...

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADO: O Luiz me contou que ele é difícil.

INTERLOCUTOR: (Ininteligível) esposa é (Ininteligível).

INTERLOCUTOR: É acho que não vou ficar em cima de Luiz.

EDUARDO: (Trecho incompreensível). isso aqui é Florianópolis isso aqui que eu voltei com o dinheiro da minha mãe.

INTERLOCUTOR: Da sua mãe?

EDUARDO: É...